PROGRAMA
ALDIR
BLANC
BAHIA
ABCCPE
O VAQUEIRO
e suas raízes

# O VAQUEIRO

## e suas raízes

**GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA**

RUI COSTA
**GOVERNADOR**

JOÃO LEÃO
**VICE-GOVERNADOR**

ARANY SANTANA
**SECRETÁRIO DE CULTURA DO ESTADO DA BAHIA**

JOÃO CARLOS DE OLIVEIRA
**DIRETOR DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA (IPAC)**

Apoio financeiro:

SECRETARIA ESPECIAL DA **CULTURA** MINISTÉRIO DO **TURISMO**

# Agradecimentos

**Curaçá**
Associação dos Vaqueiros e Pecuaristas do Sertão de Curaçá
Presidente: Manoel do Nascimento Varjão
Colaboradores:
Ticiano Dantas Félix
Gilberto Alves Cardoso
Antônio Carlos Rodrigues da Paixão

**Feira de Santana**
Associação dos Vaqueiros Santana dos Olhos D'Água
Presidente: Mário Borjes Almeida Neto (Neto do Berrante)
Colaboradores:
Jurandir Carvalho
Jucemário Santos de Jesus (Mário do Gás)

**Lagoa Real**
Associação dos Vaqueiros Encourados de Lagoa Real
Presidente: José Elenio Teixeira Dantas (Sr. Lagoa)
Colaborador:
Moíses Alves Cardoso

**Pé de Serra**
Associação dos Fazendeiros e Vaqueiros de Pé de Serra
Presidente: Manoelio de Almeida Gomes (Nélio do Maneca)

**Pedrão**
Associação dos Encourados de Pedrão
Presidente: Anderson dos Santos Maia
Colaborador:
Miguel Ângelo de Almeida Teles (Miguel Teles)

**Equipe técnica do IPAC**
Breno Luís Ferreira Barbosa
Carla Daniele Ribeiro Santos
Nestor de Matos Sales Filho

# Expediente

**Projeto**
Associação Brasileira dos Criadores de Cavalo de Passeio e Esporte – ABCCPE

**Direção Executiva**
Vera Baccin

**Direção Editorial**
Márcia Oliveira

**Coordenação de Produção**
Flora Benoliel

**Produção de Campo**
Edu Carlos

**Edição**
Antônio Luiz Diniz

**Textos**
Fernanda Chagas

**Concepção Gráfica e Designer Gráfico**
Márcia Oliveira e César Carmo

**Revisão Ortográfica**
Luci Mary Candida

**Coordenação de Pesquisa**
Antonio Marcos de Oliveira Passos

**Pesquisadores**
Jaqueline Machado de Queiroz
Paulo Sérgio da Silva Souza
Leonardo Cesar Santos Boa Morte

**Núcleo de Fotografia**
Lucy Anunciação
Luciano Carcará
Lirian Mota
Vera Baccin
Fernando Will

**Assistente de Fotografia**
Bel Anunciação

**Fotografia para Acervo**
Lucy Alves
Lirian Mota

**Capa**
Lirian Mota

**Contracapa**
Luciano Carcará

**Cartógrafo**
Yuri Lima dos Santos

**Impressão**
88p.
Salvador – BA
2021
Gráfica Santa Bárbara
Tiragem: 1000

*O Vaqueiro e o boi, o dia a dia que marca essa cultura.*
Pé de Serra-Bahia

# Sumário

APRESENTAÇÃO.....8

QUANDO TUDO COMEÇOU.....12

CADEIA PRODUTIVA.....14

CURAÇÁ.....17

FEIRADESANTANA.....31

LAGOA REAL.....45

PÉ DE SERRA.....57

PEDRÃO.....71

LEGISLAÇÃO.....83

# Apresentação

Com avanços há muito esperados na legislação brasileira, o livro O Vaqueiros e suas Raízes chega através de edital da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (Secult) e Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), de forma a mostrar não apenas um vasto material histórico que envolve, além da paixão pelo pastoreio - que muitos dão como esquecido, mas que ainda vive -, mas muito mais para mostrar um patrimônio cultural salvaguardado no âmbito material e imaterial, dentre uma das finalidades do IPAC, que é a produção, a preservação e a divulgação de bens, da pecuária baiana. Trata-se de uma ação que se constitui na experiência de conhecer vivenciando com os interlocutores seu cotidiano (trabalho, lazer, família, relações sociais, imaginações e demais elementos que os singularizam).

Nesse contexto, o dia 9 de agosto de 2011 ficou para a história dos que praticam o ofício do Vaqueiro na Bahia, quando o então governador Jaques Wagner assinou o Decreto nº 13.150, registrando no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer o Ofício de Vaqueiro, como bem cultural de natureza imaterial do Estado da Bahia, em conformidade com o disposto na Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003, que foi regulamentada pelo Decreto nº 10.039, de 03 de julho de 2006, e considerando os elementos constantes do Processo nº 0607100011990, especialmente as propostas formuladas e devidamente aprovadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC e pelo Conselho Estadual de Cultura.

A deliberação significa para a categoria não apenas estímulo à preservação do patrimônio de raiz que passa de geração para geração e que é capaz ainda de fomentar a economia de regiões e movimentar a religiosidade das cidades, entre outros, mas de instituir normas de proteção aos vaqueiros e animais, fortalecendo, assim, uma essência que foi comprovada em pesquisa in loco em cinco municípios e alguns de seus distritos baianos – Pé de Serra (Bacia do Jacuípe), Curaçá (Sertão do São Francisco), Lagoa Real (Sertão produtivo), Feira de Santana (Portal do Sertão) e Pedrão (Litoral Norte) -, resultando na primeira edição do livro.

A comemoração maior, no entanto, foi com a aprovação da Lei de nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, pela Presidência da República, na ocasião Dilma Rousseff, que dispôs sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.

Ou seja, a partir desta data ficou, enfim, reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão. Foi considerado vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino,equi-

no, muar, caprino e ovino.

Foram constituídas atribuições do vaqueiro: realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal; alimentar os animais sob seus cuidados; realizar ordenha; cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade; auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados; treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência; e efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

E, por fim, ficou determinado que a contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Era o fim da vida clandestina, insegura, onde eles trabalhavam e não havia nenhuma esperança de deixar suas famílias asseguradas em caso de suas ausências, conforme declararam. "Eu hoje sou muito mais feliz com minha profissão, é do que eu sobrevivo e agora passamos a ter os nossos direitos garantidos, a ter mais valor. Só é difícil para quem não quer fazer as coisas", comemorou o vaqueiro por toda a vida Marivaldo Cerqueira dos Santos, 52 anos.

E daí, podemos descrever cada local com suas peculiaridades, suas associações, missas, datas festivas diferentes, mas nunca sem um vaqueiro com seu cigarro de palha na boca e suas vestimentas de couro, como seus gibões e chapéus, aliado às crenças em suas padroeiras e padroeiros, e o sonho que se mantém vivo: retornar as missas e festas do vaqueiro, e a ida no cortejo Dois de Julho na capital baiana, mas que, infelizmente, de acordo com eles, vem morrendo a cada ano por escassez de auxílio.

As localidades de Curaça visitadas onde é forte a cultura do vaqueiro são: Barro Vermelho, Patamutá, Poço de Fora e Riacho Seco. Em Feira de Santana o Vaqueiro contribui decisivamente na economia do município, principalmente em: Campalona, Humildes, Ipuaçu, Jaquara, Maria Quitéria, São José, Tiquaruçu e Povoado da Caatinga. Além disso, em Lagoa Real o ofício do vaqueiro tem grande força em: Agrestinho, Canabrava, Lagoa Funda, Riacho do Mafra, Tamanduá, Tamboril e Ubiraçaba. Pé de Serra preserva a cultura principalmente em: Santo Agostinho, Aroeira, Caldeirão do Negro, Santo Antônio, Lagoa do Curral, Novo Ouricuri, Cascalheira e Bento. Em Pedrão a cultura deste ofício se destaca em: Iaçu, Cambumbe, Canabrava, Água Branca, Sapé, Cori e América.

E é nesse exercício diário que por muitos anos fideliza o 'vaqueiro', seu 'cavalo' e o seu 'cachorro', companheiros que podem ser compreendidos como a "trindade" que é cuidar do gado.

*O caminho da lida é rotina na vida dos vaqueiros. Confiantes e batalhadores, eles partem em busca da sobrevivência.*
Feira de Santana-Bahia

# Prefácio

Falar do universo dos vaqueiros para quem nasceu, por merecimento, na terra dos Encourados é um afago para o coração e para a alma. Ressurgem os aboiados, os relatos de bois ideados, as pegas de gado, os carros de bois, as narrativas vaqueiras, as rezas e as mandingas... Deus me livre de tanta saudade! Vou recordando, remoendo as lembranças e pontuando algumas passagens desses vaqueiros que deram voz, cor e cheiro a "O Vaqueiro e Suas Raízes".

Nas palavras de um autor desconhecido, do século XVIII, nos sertões, o homem afeito no traquejo com o gado, desde jovem, "procura exercer com empenho o ofício da vaqueirice, constituindo na sua maior felicidade merecer algum dia o título honorífico de vaqueiro". Portanto, vaqueiro não é ente solto no mundo. E quando sua alma aparta-se do sertão, dizem por lá que o sangue derramado nos carrascais da caatinga, atrás de uma rês desgarrada, faz Nosso Senhor lembrar-se dos seus padecimentos neste plano e abona a entrada do vaqueiro no céu. Vira um ser "Encantado". Torna-se arrebanhador de astros, montado em corcéis luminosos, que na terra, nós, os pobres mortais, batizamos de estrelas cadentes.

No que concerne aos bens espirituais, Manoel Varjão nos atenta para a proteção contra os embaraços na lida vaqueira. Amparados por patuás, bentinhos e orações, os vaqueiros acreditam no resguardo do corpo e do espírito. Por lá, alguns ainda rezam, ao acordar, o Credo até a frase "...está sentado..." e só conclui, ao findar da tarde, após a labuta. Acreditam que quem começa a rezar o "Creio em Deus Padre" só poderá morrer após o término da oração.

Numa alusão aos companheiros inseparáveis na labuta com o gado, Lió e Peba reverenciam o cachorro e o cavalo, lembrando que, naquelas paragens, a montaria é escolhida conforme os sinais dispostos no corpo do animal, indicando a aptidão de um 'cavalo bom de gado'. São os sinais do Galvão: um é bom; dois é melhor ainda; três não vale nada; quatro é um gato... Entretanto, "cavalo que bom for, não tem sinal nem cor".

O universo feminino tratado em "O Vaqueiro e Suas Raízes" nos traz a perseverança de Dona Terezinha Varjão em manter as tradições no torrão onde enterraram seu umbigo; a simpatia de Ana Paula Paiva que, às margens do Velho Chico, traduz com seu sorriso todo o bem-querer e o acolhimento do "Rio dos Currais"; a delicadeza de Ághatha e o orgulho de seu pai, Ticiano Félix, na certeza da continuidade cultural dos vaqueiros "nos torrões de Curaçá"; e as amazonas Ana Paula e Melissa Cordeiro, avó e neta, em um passeio pelos ares daquele Pé de Serra.

As saudades chegam em "feitio de oração". Saudades expressas nos olhares e feições de Quincas, de Belinho, de Zezé, de Ireno, de Zé da Lagoa Funda, de Seo Dái, que se alegravam com as labutas e farras na pega de bois, e, hoje, com o peso dos anos guardados na algibeira da memória, só restam lembranças. Saudades rabiscadas, como rugas, que vão contando, de um a um, os amigos que a vida lhes deu e que o tempo roubou.

Saudações Caatingueiras,
MIGUEL TELES - Historiador

# Quando tudo começou

O percurso dos vaqueiros na Bahia teve dois momentos, sendo o primeiro no século XVI, partindo das terras da Casa da Torre, atual localidade de Praia do Forte, município de Mata de São João. Daí, essas expedições atingiam os rios Jacuípe, Itapicuru, até o Paraguaçu e Rio de Contas, formando pontos de encontro nas feiras e estabelecendo os primeiros currais. Eles desbravaram a região Nordeste do país, tornando o interior, então desconhecido, um lugar habitável, com comunidades que se tornaram cidades. Por três séculos, esses movimentos no território sertanejo se complementam aos ciclos econômicos da cana-de-açúcar, da mineração e do gado. Enquanto o segundo momento se dá na segunda metade do século XVIII, quando foram erguidas as primeiras casas de fazenda e a marcha dos vaqueiros exigiu o desenvolvimento de técnicas e procedimentos que possibilitassem desbravamento de caatingas, matas, agrestes, chapadas, cerrados e planaltos à procura de pastos para o gado crescente, que já não podia mais ocupar apenas a orla atlântica da Bahia.

Foram diferentes premissas se constituindo, a saber: aqueles que são os "senhores de engenho", os "capatazes", os escravizados serviçais de dentro da casa-grande (populações originárias, africanos e mestiços), os brancos pobres ou mestiços libertos, e os demais escravizados que estavam desempenhando todas as outras atividades de cuidado da agricultura, pecuária, carpintaria, navegação, marcenaria e outras diferentes funções, como o cuidado do gado, que vão se consolidar com os "vaqueiros" que "atuavam sozinhos, usavam forçosamente arma para defender o rebanho, levando em conta que não tinham um fiscal acompanhando suas labutas diariamente e agiam em campos vastos. Em verdade, tratava-se, inicialmente, de um tipo de servo recrutado entre os índios domesticados no litoral e também mestiços e portugueses pobres". (LOPES, 1997, p. 15).

Ressalta-se que a pressão pela manutenção da imobilidade social, ou sua lentidão de acontecer, passa a ser fator estruturante via questões da "linhagem", 'raça'[1] e 'classe social', abismos quase que intransponíveis que reverberam pobreza e atraso ainda no presente. Filho (1956) nos aponta a importância do pastoreio como fator de domínio das terras, formação de povoados, assimilação de pessoas, interiorização das atividades de pecuária, que bem contribuíram no estabelecimento da colonização, de forma que o pastoreio foi o grande fator da colonização do sertão nordestino.

Após a penetração, o colono estabeleceu o curral fixando-se na terra. Como ressaltou Capistrano de Abreu, foi a criação de gado que resolveu o problema da ocupação e colonização da caatinga, cujo solo endurecido afastou qualquer tipo de lavoura

intensiva e permanente. Apenas o gado, que se aclimatou na caatinga, permitiu a colonização do Nordeste, onde se desenvolveu uma civilização essencialmente pastoril, ou civilização do couro, na expressão de Capistrano. Já Antonil salientara o papel do boi na colonização do Norte e Nordeste, apontando a importância assumida pela indústria pastoril nas capitanias setentrionais, em cujo interior o curral precedeu ao engenho e à lavoura. De fato, o criatório prendeu o homem à terra nordestina e colonizou-a, tornando-a o "abastecedouro animal do Brasil antigo". (FILHO, 1956, p. 205).[2]

Em suma, os vaqueiros fazem parte da escrita da formação do Brasil, sua condição de agente estratégico congrega aspectos históricos, sociais, econômicos e culturais em todos os períodos – da colonização à atualidade. Foi por meio desse agente e outros que foi possível o controle das terras, a consolidação e ampliação dos poderes oligárquicos das famílias portuguesas, que já chegaram aqui com o poder de administrar, caçar a população originária, impor a fé cristã, estabelecer as primeiras vilas e instituições (administrativa, religiosa, militar, educativa, prisional e outras) nos territórios ocupados. Atores que mesmo com sua importância em diversos campos permaneceram invisibilizados nesses 500 anos de correria, tropeços e demais manobras pelo controle do poder.

Nessa singular "Arte de Fazer", a pesquisa de campo revela a vida real com suas dificuldades e injustiças que acontecem nessas localidades e como esses vaqueiros se compreendem, se representam, se reconhecem e elegem os que são seus Mestres nesse Ofício, como: Marcelino Silvestre da Silva (73 anos), João Rodrigues da Silva (78 anos), João Batista da Silva (Joãozinho, 70 anos), Eriovalder Almeida Rodrigues (Vavá, 72 anos), Lídio Ferreira de Jericó (79 anos), Manoel Pereira da Silva (Zé da Lagoa Funda, 74 anos), Adão Monteiro da Silva (72 anos), Raimundo Pereira de Aguiar (Rai Pereira, 69 anos), Dalgir Ramos Machado (79 anos), Maria Sousa Lima Santos (78 anos), Evangelista Rios da Silva (João das Cabras, 79 anos), Manoel Cordeiro da Silva (Nadinho, 72 anos), Domingos Alves da Cruz (83 anos) , José Ribeiro dos Santos (Zezé, 83 anos), Erasmo Carvalho do Rosario (Dai, 91 anos), Sr. Paulo Baía de Araújo (76 anos), Belarmino Rodrigues Nunes (77 anos), Zulmira Oliveira Carneiro (Mirinha, 83 anos) Amália Rios (81 anos), José Ribeiro dos Santos (Seu Zezé, 83 anos) e Leonardo Alves Pereira (Ló, 89 anos) e outros.

Todos eles com muita coragem, que os enche de orgulho de contar ou enveredar pelos espinhos, pegar e derrubar o boi, trazê-lo para o curral e o abatedouro. E, se necessário for, correr novamente atrás do boi fujão, e construir dentro do seu grupo os seus nomes que passarão a ser reconhecidos como Mestres. Ofício que idade é posto, e para os que chegam novatos precisam ouvir, dado perigoso "esporte" (ofício) que é viver entre os espinhos da caatinga. Quem presencia percebe os olhos de quem detalha cada derrubada de boi brilhar até os tempos de hoje.

# Cadeia Produtiva

Contudo, após passar por todas as dificuldades, o vaqueiro ganha, ainda em pleno século XXI, destaque como agente sociocultural estratégico, pois sua ação nos diferentes sertões brasileiros, expandindo a pecuária, empreende a configuração de aspectos materiais e imateriais, e isso não é diferente na Bahia, ao contrário. Muitos deles não conseguem sustentar suas famílias apenas com a profissão de vaqueiro, mas conseguem aliá-la a outras, como produção de queijo, requeijão, rapadura e cachaça, por exemplo.

O seu ofício e as condições de realizá-lo fizeram surgir a necessidade também do uso do couro de boi, bode e veado, gerando cadeias de produção de roupas (chapéu, gibão, jaleco, peitoral, perneira, sapato, estribo), instrumentos de trabalho (cordas, selas, rabicheira, taca, chicote e outros), instrumentos de proteção dos cavalos que adentram os espaços espinhentos (capa, peitoral, arreios); fabricação de objetos de guardar diferentes coisas próprias do ofício, como malas, alforges e cantis. Esse último para guarda da água para humanos e não humanos, como a claraboia, tida como a companheira cachaça, que vira marca genuinamente brasileira; além de instrumentos musicais como apitos e berrantes.

Elementos estes que estabelecem cadeias de produções e elos entre povoados e cidades e, hoje, por exemplo, são referências a cidade de Ipirá com seu polo de artefatos que se destaca pela grande fabricação de couro, como Feira de Santana.

Dentre a materialidade dos objetos necessários para esse oficio há ainda a necessidade de ferramentas de ferro fundido para domesticação, uso e controle dos cavalos e bois; fabricação de cobertas de algodão para aquecer as noites frias dos sertões por longos dias e semanas; necessidade da permanência das lavouras de mandioca para fabricação da farinha, que, somada às produções de queijo, requeijão, rapadura e cachaça, acompanha ainda esses sujeitos sociais aos campos espinhosos, solitários, perigosos e mesmo fantásticos da caatinga.

Com isso, na imaterialidade de fazer existir o ofício dos vaqueiros, destacam-se as formas de ser, fazer, viver, sentir, acreditar e produzir diversos tipos de conhecimentos em constante socialização aos noviços/aprendizes que chegavam novos para se tornar vaqueiros. Homens, em sua grande maioria, que eram ensinados pelos seus pais, tios, irmãos e/ou conhecidos. Transmissão que se dava por volta dos 12 anos, aprendendo a retirar o leite das vacas, controlar os bezerros, trazer água para os animais

e os serviços domésticos, e em determinadas horas sair a cavalo pelas veredas com seus mais velhos, mas atualmente são experientes vaqueiros, muitas vezes acompanhados de sua família.

Acresce a tudo isso a importância de como chamar o gado por meio do aboio - espécie de "alfabeto do vaqueiro" que utiliza das vogais (a, e, i, o, u) em sonoridades específicas -, que acalma, aglutina, chama a atenção e estabelece o compasso da marcha do boi. Há ainda os repentes, que são canções com métrica que contam histórias, trazem acontecimentos diários, ridicularizam o opositor e reconhecem também as qualidades dos vaqueiros e dos bois, ambos gerados na imaginação desses homens e mulheres e suas próprias configurações culturais, que estabelecem certa noção de uma civilização do pastoreio.

# Curaçá

# A Capital dos Vaqueiros

"Ê, ô, ô, vida de gado/Povo marcado, ê/Povo feliz". É exatamente como em muitos trechos da canção Admirável Gado Novo, de Zé Ramalho, que os vaqueiros ouvidos pela equipe que dá origem à primeira edição de O Vaqueiro e Suas Raízes se descrevem. E em Curaçá, a 545 km de Salvador, situada na região do Vale do São Francisco, com seus pouco mais de 32 mil habitantes, não foi diferente. Localidade que mantém viva tradição de capital dos vaqueiros, a começar pela intimidade com as montarias, com os que comem cuscuz com charque após noites no relento, ouvindo músicas típicas do sertão baiano para, ao amanhecer, capturar bois. E não para por aí. Existe ainda a junção de muitos vaqueiros no dia da padroeira, bem como a manutenção da figura do empreendedor na cadeia produtiva da pecuária. Um grande exemplo é ter como referência na entrada da cidade um grande arco em homenagem aos sertanejos. Todas essas razões existem e estão mais do que enraizadas na cultura do município.

Seu João Batista da Silva, 70 anos, há 62 de vida no pasto e que monta até hoje, inclusive à noite, ao contar sua vida faz quem conhece sua história viver seu universo de pastoreio. Ele elenca que tem colegas com 90 anos que ainda participam da lida. "Praticamente desde oito anos eu ando no pasto, meu pai me levava para todo lugar que ia, e quando fiquei maiorzinho, por volta de 10 anos, já ia pra o campo com ele. Somente eu fui, nenhum dos meus irmãos tiveram essa vontade de acompanhá-lo, mas sempre disse, estando com ele, abaixo de Deus, nunca passamos dificuldades, embora a peleja tenha sido grande. No meu tempo se trazia a carne nas costas do cavalo, hoje tudo é fácil", contou.

João Batista, no entanto, lamenta que tudo está diminuindo: vaqueiro bom, cavalo e caatinga. "Eu sempre tenho dito: ser vaqueiro é um dom que Deus dá, e tem dois professores: o primeiro é Deus e o segundo um cavalo bom. Eu cansei de levar pancada, passava três dias no mato, descansávamos apenas dois dias e dávamos três, quatro carreiras. Vaqueiro com "pabulagem" (sic) (que conta vantagem) não é vaqueiro; e ainda participo de todas as festas, eu dou valor ao esporte (pastoreio, vaquejada, montaria). Temos colegas que têm mais de 90 anos que andam no campo, mas acho que a tradição de vaqueiro está morrendo, que os jovens não estão querendo o ofício, hoje a gente conta de dedo. É mais fácil ter uma moto. Mas repito: é aquela história, quem nasce pra cangalha morre pra cangalha", frisou.

Curaçá possui três associações. A primeira delas, a Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá, fundada em 14 de agosto de

1959. A associação possui atualmente cerca de 45 membros, mas já chegou ao expressivo número de 170 associados. A segunda também com sede na cidade: a  Associação dos Vaqueiros e Pecuaristas do Sertão de Curaçá (AVAPEC), fundada em 17 de agosto de 2003, está prestes a completar 18 anos este ano (2021). As duas associações contribuem na organização da Festa do Vaqueiro de Curaçá que ocorre no primeiro fim de semana de julho. A terceira fica no distrito de Riacho Seco, Associação dos Vaqueiros João Batista do Nascimento, fundada em 2007, fará 14 anos também este ano (2021). A associação também participa da Festa dos Vaqueiros de Riacho Seco, que ocorre na primeira semana de junho.

Da mesma forma, possui três igrejas: Igreja Santa Terezinha, Matriz Bom Jesus da Boa Morte, a Paróquia Bom Jesus da Boa Morte e São Benedito e seus devidos padroeiros, que celebram sempre entre 30 e 1 de janeiro na sede. Com isso, acontece a tradicional procissão de São Benedito, o Santo Negro e o Co-Padroeiro de Curaçá, para em seguida os fiéis se reunirem na Praça Raul Coelho portando velas para seguirem pelas ruas principais e Centro Histórico da cidade e, após a procissão, os participantes hastearem a Bandeira de São Benedito em frente à Igreja Matriz.

Todas as festividades são acompanhadas de missas com toda liturgia baseada na vida dos vaqueiros e sertanejos, que assistem à celebração montados em seus cavalos com seus gibões e chapéus de couro, ocasião em que eles, como expressão de legítima fé, carregam as bandeiras do Brasil, da Bahia e de Curaçá, cidade às margens do Rio São Francisco. Autoridades, como governadores, comparecem às cerimônias, dada a importância das comemorações.

Mais além, adquiriu um enorme reconhecimento cultural diante do calendário festivo, assim como dos seus moradores, levando em conta que a imagem do vaqueiro é considerada um ícone para o progresso da economia do município, afinal foi através do seu trabalho que a pecuária conseguiu se fortalecer e gerar bons lucros na região.

"Antes tínhamos uma desafiadora caatinga na nossa sede e nos povoados de Barro Vermelho, Riacho Seco, Poço de Fora e Patamuté, mas a distância entre outros municípios apartava famílias do contato com outros povoados, vivendo longe dos bens e serviços. Por isso que todos se voltavam para as festas dos vaqueiros que até hoje elegem presidentes que têm obrigação de guardar e zelar pela "bandeira da festa", assim como de realizar o processo da escolha da Rainha da festa", comemorou Manuel do Nascimento Varjão, 69 anos, lembrando que nasceu e se criou nessa luta desde molequinho, com oito, dez anos, em que já ia todo encourado para a lida, trabalhar no campo, tirar leite, pegar gado. De dez irmãos, todos foram criados na lida, mas só tem três vivos. "As mulheres ajudavam no curral e no chiqueiro".

# Depoimentos:

**Terezinha Ferreira Varjão, 68 anos**

"Sou filha e neta de vaqueiros. Já está no sangue da família. Na festa do vaqueiro, participo da cozinha até a missa. Durante a pandemia foi muito triste, só eu e meu esposo, com o carro de som na frente, fizemos uma alvorada e as pessoas abriam as portas e janelas e choravam. Mas vem gente de todo canto".

**Belarmino Rodrigues Nunes, 77 anos**

"Sou conhecido como Belinho, deixei a vida de motorista de prefeito pela vida no campo, por andar encourado. Estava no sangue, meus avós, pais, tios, primos, todos eram vaqueiros. Participei da primeira Festa dos Vaqueiros, ocasião em que não tinha show, mas festa de raiz. Em 1973, teve uma festa maior com direito a Luiz Gonzaga, entre outros famosos, e fui eu quem organizei, e enquanto eu puder fazer alguma coisa não me faltará coragem".

**Ana Paula Paiva, 28 anos**

"Sou apaixonada pela vida no campo e ele dispensa qualquer vaqueiro para estar ao meu lado. Eu, inclusive, incentivei mulheres a entrarem na pega dos bois e tenho respeito na classe, e sempre falo que lugar de mulher é onde ela quiser".

**Erisclébio da Silva Ribeiro (Peba), 36 anos**

"Amigo de vaqueiro não é só cavalo, mas cachorro também. Com ele você corta um touro valente, o touro vira e ele ajuda você a botar a corda. Um cachorro bom é melhor que caros companheiros para campear. Enfim, ser vaqueiro é não ter medo da morte, é você correndo da morte e a morte correndo de você".

**Laerte Tanúrio do Nascimento, 33 anos**

"Estou há 21 anos nessa vida, minha família está quase toda nessa vida. Tem que ter o jeito, a determinação porque o gado é um animal muito bruto que requer muito jeito e vocação, mas Deus está a todo momento com o vaqueiro, porque você montar em um boi de 20 arrobas sozinho, entrar em cada grota, se enroscar em cada lasca de pau e conseguir se superar, é Deus".

**Eriovalder Almeida Rodrigues, 62 anos**

"Comecei a vida de vaqueiro há 42 anos. Andei tendo uns acidentes e achava que ia parar, e pedi a Deus melhora que largaria a lida. Passei 17 dias em coma, e com um ano e um mês estava em perfeito estado. Fiz um teste pegando um boi que diziam que era atrapalhado: foram 21 empurradas e peguei sozinho no horário de meio-dia, sozinho e Deus".

**Manuel do Nascimento Varjão, 69 anos**

"Nasci e me criei nessa luta. É um bruto montando num bruto, correndo atrás de um bruto e deixar piar; e quando o boi era valente, nós tínhamos que utilizar equipamentos para derrubá-lo. Não é qualquer um que encara esse ofício, por isso que se tem que andar protegido. Ou pega ou não adianta trabalhar no campo".

**Ticiano Félix, 46 anos**

"A cultura do vaqueiro na cidade, apesar da sua importância cultural, muitas vezes fica relativamente esquecida. Esquecida, na verdade, pela própria conjuntura atual da evolução. Sabemos que hoje muita gente trocou o seu cavalo por uma moto, mas continua viva. Ághatha, minha filha, é hoje essa exemplificação. Minha família trabalhou com gado toda vida e eu trago representando por Ághata, até pela figura feminina, essa luta de manter viva essa tradição, até na própria poesia, no aboio. Curaçá não tem o título de Capital do Vaqueiro à toa, vive isso ainda".

**João Batista da Silva, 70 anos**

"Com oito anos, meu pai já me carregava na garupa do cavalo; quando fiquei maiorzinho, já comecei a andar só. E a minha vida praticamente toda foi nessa peleja, tenho dois filhos e nenhum deu valor ao meu ofício. Mas tudo difícil pra nós foi fácil, até hoje ainda ando, não tenho horário de ir para o campo, apesar de, para nós, estar se acabando cavalo bom, vaqueiro e caatinga".

# A Festa dos Vaqueiros

Grande festa dos vaqueiros
Nos torrões de Curaçá,
Multidões para brindar
A força desses guerreiros
Que com gestos catingueiros
Faz d'um risco a profissão
Por loucura ou por paixão?
Não se sabe bem ao certo,
Sei que a morte os vê de perto
Nas labutas do sertão.
Se jogam caatinga adentro,
Desafiando o destino,
Por bravura ou desatino
Praguejam sua sorte ao vento
Porém c'um louco talento
Se defendem ao imbuzeiro
Correndo c'um boi ligeiro
Desce às pontas do animal
De força descomunal,
Comparada à do vaqueiro.
Enfrenta chuva no lombo,
Dá sua cara ao marmeleiro,
Na seca queima o facheiro,
Nas carreiras, tantos tombos,
Nos peitos, vários calombos,
Por esquecer o perigo,
Faz d'uma furna um abrigo,
A farofa é a companheira
Que leva em sua gibeira
E o cavalo, o grande amigo!
A festa de Curaçá
Faz singela homenagem
Para esse ser de coragem
Que sofre sem lamentar
Mas aprendeu laborar
Com requinte d'um artista
Assim foi Martin Batista
E o Pedro Liberato,
Vaqueiros bons e sensatos
Na caatinga e bons na pista.
Eu me lembro dos aboios
De Bina da Primavera
O vaqueiro era fera
Com a rima e c'a boiada,
Vaqueirama está calada
"Não tem boi do mangangá
Não toma café, nem chá
Quem não tem chaculateira,"
Fechou então a porteira
O grande Zé de Mariá.
O vaqueiro de coragem
Esbagaça o calumbi
Como fez Mané Cari
Na sua vida, sem triagem,
De vereda fez rodagem
Atrás de gado, correndo,
Traquejou a vida vivendo
De perneira e de gibão,
Vaqueiro por devoção
Se sorrindo ou se sofrendo.
Valentim da Canabrava,
Seu Dó na Canavieira
Na caatinga ou na porteira
Jamais o touro escapava,
Se botavam, então pegava
No sedém sem compaixão
Torando quebra-facão
Sem se importar c'o fechado,
Botavam sempre pegado
Pegavam sempre no chão.
De vaqueiros afamados
Lembro Zé de Agostinho
Como também Tio Toinzinho,
Todos dois eram atestados,
Entravam sempre abaixados
Nos baixios desse sertão
De escudo, só o gibão
Livrando-os das imburanas,
Sem pestanejar pestanas
Derrubavam barbatão.

Agripino, o destemido
Da Fazenda Santo Antônio,
Pegava até o demônio,
Se corresse em destampido,
Touro bravo ou redimido
Não precisava perneira,
Com Didi da Ipueira
E Neném de Seu Gregório,
Boi de fama ou sem folclórico
Tombavam na faveleira.
O Hélio com Mané Pio,
Pai e filho renomados
Em mufumbos bem fechados
Vaqueiros de tanto brio,
Sob o sol ou sob o frio
Gado berrava suplico,
"Pensavam: eu saio ou fico?!"
Por não poder escapar
Quero também relembrar,
O grande Agostinho Bico.
Quantas estórias contadas
De vaqueiros afamados
Hoje aqui, foram lembrados
No repente e nas toadas
Na memória eternizadas
Nos versos de um cantador
Que canta alegria e dor
Desse mito singular
Festejado em Curaçá
Por respeito e por amor...

**Ticiano Félix**

| FESTAS DE VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Localidades** | **Nome das Festas** | **Data** |
| Curaçá | Festa do Vaqueiro | Primeiro fim de semana de julho |
| Barro Vermelho | Missa do Vaqueiro | Sábado anterior ao 23 de junho |
| Centro | Missa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Mundo Novo | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Patamuté | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Poço de Fora | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Riacho Seco | Festa do Vaqueiro | Primeira semana de junho |
| Santa Maria | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| São Bento | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Uauá | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |

| MESTRES VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | Eriovalder Almeida Roque (Vavá) | 72 anos |
| | João Batista da Siva (Joãozinho) | 70 anos |
| **Citados** | Zenilton, Zé da Macambira e Jessé | Não informado |

| VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | 3 | Feminino |
| | 12 | Masculino |

| ASSOCIAÇÕES | | |
|---|---|---|
| **Nome** | **Tempo/Idade** | **Nº de membros** |
| Sociedade dos Vaqueiros de Curaçá | 62 anos | 45 |
| AVAPEC (Associação dos Vaqueiros e Pecuarista do Sertão de Curaçá) | 18 anos | 186-188 |
| Associação dos Vaqueiros João Batista do Nascimento | 14 anos | 15-20 |

| OBJETOS INVENTARIADOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Material | Fazenda/Povoado/Distrito/Localidade | | | | |
| | Fazenda Esfomeados Distrito Riacho Seco | Distrito Barro Vermelho | Fazenda Água Fria Distrito Barro Vermelho | Distrito Riacho Seco | Museu de Curaçá |
| Objetos Inventariados | 8 | 2 | 1 | 9 | 0 |
| Vestimenta | 2 | 0 | 0 | 1 (de animal) | 0 |
| Ferramenta de trabalho | 6 | 1 | 1 | 8 | 0 |
| Fotografias de objetos | 22 | 6 | 7 | 22 | 69 |
| Fotografia de fotografias | 3 | 0 | 11 | 0 | 68 |
| **Total** | **41** | **9** | **20** | **39** | **137** |

| Vaqueiros (as) entrevistados (as): | |
|---|---|
| 1. Ana Paula Pionrório Paiva | |
| 2. Belarmino Rodrigues Nunes | 9. Joselita Gonçalves Martins |
| 3. Eriovalder Almeida Rodrigues (Vavá) | 10. Laerte Nascimento |
| 4. Erisclébio da Silva Ribeiro (Vaqueiro Peba) | 11. Lídio Ferreira de Jericó |
| 5. Gabriel Joaquim da Silva | 12. Manuel Nascimento Varjão |
| 6. Gilberto Bahia Filho | 13. Paulo Baía de Araújo |
| 7. João Batista da Siva (Joãozinho) | 14. Terezinha Ferreira Varjão |
| 8. José Mário Alves Caracá (Mazinho) | 15. Ticiano Dantas Félix |

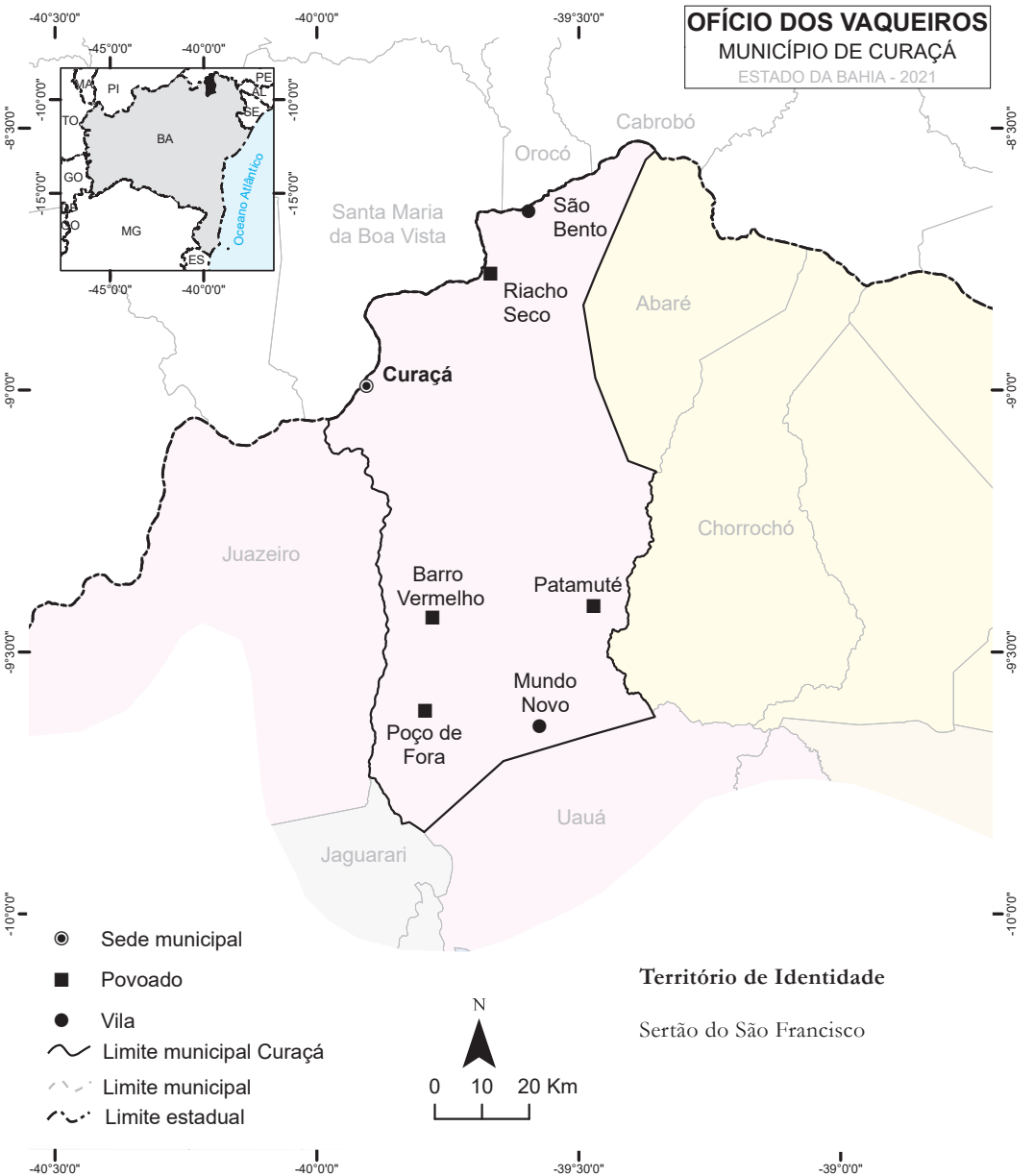
**Locais visitados: Sede, Distrito do Barro Vermelho, Distrito Patamutá, Distrito Poço de Fora e Distrito Riacho Seco.**

*Nossa Senhora Aparecida*

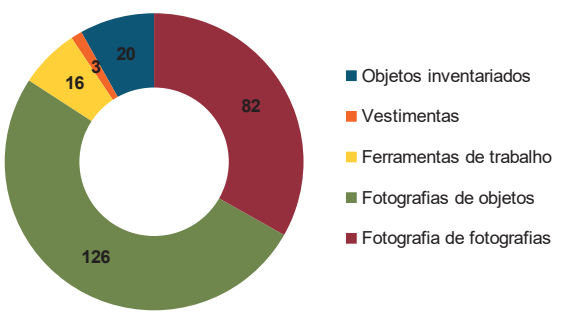
*Aió, fabricada de fibra de caroá*

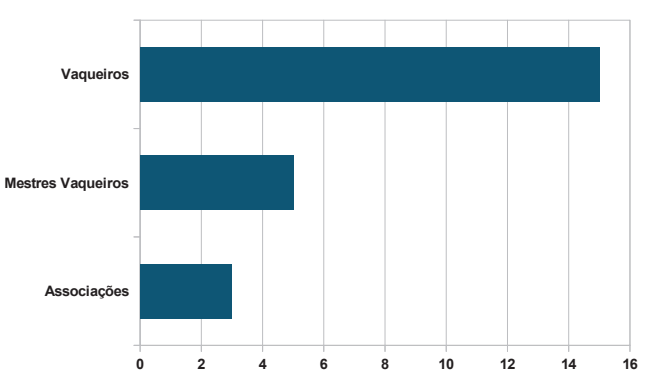
*Luvas de couro*

*Arreio de couro cru*




| Localidades | Festa | Data |
|---|---|---|
| Curaçá | Festa do Vaqueiro | Primeiro fim de semana de julho |
| Barro Vermelho | Missa do Vaqueiro | Sábado anterior ao 23 de junho |
| Mundo Novo | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Patamuté | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Poço de Fora | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |
| Riacho Seco | Festa do Vaqueiro | Primeira semana de junho |
| São Bento | Festa do Vaqueiro | Sem data definida |



# Feira de Santana

# Forte ligação com a cultura do vaqueiro

Feira de Santana, conhecida como "Princesa do Sertão", distante 108 quilômetros de Salvador, segundo maior colégio eleitoral do estado, onde imagina-se um centro totalmente urbano, surpreende ao revelar-se também a maior cidade constituída de caatinga e mata atlântica, e ter também forte ligação com a cultura do vaqueiro na sede e nos povoados de Jaquara, Humildes, Tiquaruçu, Ipuaçú e Maria Quitéria.

Nessas localidades constata-se a relação direta do município com a pecuária, com suas estradas de bois, que distribuía para Salvador e região do recôncavo, destacando o personagem do vaqueiro. Com localização privilegiada e um centro urbano que só cresce, esses fatores colaboram também para a expansão do pastoreio e mostra que Feira vive uma dualidade com vida rural e com os elementos que lhes são próprios.

A dura vida enfrentando os perigos na labuta da pega do boi transforma o vaqueiro num herói da caatinga. O cotidiano é muito difícil, pois, antes mesmo do sol raiar, o vaqueiro já está desbravando o mato e durante todo o dia enfrenta vários obstáculos numa longa jornada atrás de animais ariscos ou desempenhando outras atividades braçais.

José Ribeiro dos Santos, 83 anos, é o mestre dos vaqueiros de Feira de Santana. Desde os 13 anos saía para o campo do gado com um cavalinho que ganhou do pai e conta, orgulhoso, que todo ano vem para Salvador participar das comemorações do Dois de Julho, onde sempre é premiado. "Ser vaqueiro é correr risco de vida diariamente, mas tudo que construí foi na pega do boi. O perigo é enorme, mas nosso trabalho não é muito valorizado. Apesar de tanta dificuldade, tentamos manter a tradição".

Teófilo Pereira da Silva Filho, 62 anos, conta que com oito anos já prendia vaca para ajudar os vaqueiros mais velhos e explica que o vaqueiro tem um papel superimportante no desenvolvimento econômico de todo o Sertão, desbravando a caatinga numa saga que nem sempre tem o reconhecimento merecido. "Na minha família tem apenas mais três vaqueiros, e eu aprendi a lida com meus irmãos e os amigos deles, e vou morrer vaqueiro".

E foi exatamente na cidade mais urbana que, em maio de 2012, durante a programação da "Celebração das Culturas dos Sertões" realizada pela Secult, o "Ofício dos Vaqueiros" foi inscrito no "Livro de Registro Especial dos Saberes e Modo de Fazer" da Bahia. Isso fez com que a Bahia se tornasse o primeiro estado do Brasil a reconhecer oficialmente um Ofício Cultural como Patrimônio Estadual.

# Depoimentos:

**Domingos Alves da Cruz, 83 anos**

"Comecei vaqueiro com 22 anos, meu pai trabalhava em uma fazenda onde eu nasci e me criei, e hoje ainda trabalho em duas fazendas aqui mesmo em Feira. Da minha família tenho um irmão e dois filhos, de quatro, que seguiram o pastoreio. Mas da minha época mudou muito, antes tinha caatinga, hoje é capim no pasto. Tempo bom que não volta mais. Os vaqueiros de hoje nunca serão iguais aos vaqueiros velhos".

**Mário Borges de Almeida Neto (Neto do Berrante), 46 anos**

"Mantenho a hereditariedade dos meus avôs; meus pais, desde que nasci, eles mantêm esse legado. Eu acredito muito na riqueza viva de manter a criança desde que ela nasce de que o puxar do boi e o arrear do cavalo nunca irão morrer, que mesmo com as novas tecnologias vai ter sempre um cavalo e que vai sempre precisar juntar o gado no pau".

**Claudio Pinheiro Neves, 56 anos**

"Vaqueiro é um médico sem diploma, e para isso, em primeiro lugar, tem que ter fé em Deus e praticar sempre o bem. Vaqueiro que entra na caatinga e sai sem estar melado de sangue não é vaqueiro".

**Irmãos Garapa:**
**Vagner C. dos Santos, 27 anos**

"Temos que lutar para manter a vaquejada raiz, até porque se parar, para a agropecuária, para a cidade. O vaqueiro, embora preste serviço em uma fazenda, sempre trabalha para ele mesmo, mas não vive sem o pastoril".

**Marcos Jesus de Lima (Nani), 45 anos**

"O vaqueiro é braço direito do patrão, tem que saber fazer todas as atividades dentro de uma fazenda, além de ter coragem e disposição. Entra o dia pela noite, mas traz o boi".

**João Vitório de Lima, 61 anos**

"Passou de nosso avô, do nosso pai e passamos para nossos filhos, coisa rara hoje em dia. Eu sinto uma emoção tão grande quando tem um boi no mato que nem sinto vontade de dormir. Tudo o que meu pai fazia eu aprendi".

**Teófilo Pereira da Silva Filho, 62 anos**
"Tenho só um filho homem que é vaqueiro, é estudado, mas é vaqueiro e me liga todos os dias, e fico feliz quando ele me liga contando que derrubou um boi e que segue o que ensinei a ele na vida e profissão. Pra mim, eu sou um cabra rico hoje: casei, tenho meus filhos, tenho minha casa, não me falta nada".

**Valmir Souza da Silva, 39 anos**

"Único filho do meu pai a ser vaqueiro, mas quando se gosta, puxa, e a pessoa segue e não é para qualquer um. O que desiste, mesmo, não é vaqueiro. Eu mesmo já fui em várias pegas de bois no mato e é um risco. É um ofício duríssimo, já vi vaqueiro cair do cavalo e morrer na labuta para pegar o boi. No futuro penso em ter o meu terreno, do meu espaço com meus gados, ser dono do meu nariz".

**Ireno Francisco da Conceição, 73 anos**

"Comecei com 10 anos acompanhando meu pai, e daí de um tirar leite parei viajando por esse Brasilzão porque quem comprava gado levava a cavalo, e hoje é a carro. Já trabalhei em diversas fazendas, labuta que deu para sustentar minha família, e agora trabalho para mim. Hoje o pessoal mais novo não quer ser empregado, quer achar tudo fácil, vai chegar um tempo que não vai ter mais vaqueiro raiz".

O ofício do vaqueiro é passado de pai para filho, e as crianças desde cedo aprendem a profissão, a cultura e a tradição, para orgulho dos pais e avós.

**José Ribeiro dos Santos,**
**Seu Zezé, 83 anos**

"Comecei indo para o campo do gado aos 13 anos com meu pai e passei o ofício do vaqueiro para meu filho, que é mais esperto do que eu, monta cavalo brabo e pega boi do jeito que vier. Comecei a festa do vaqueiro, porque fui na de Tanquinho todo encourado e lá disseram que aqui não tinha homem, não tinha festa, aí eu tomei à frente com a ajuda de várias pessoas e até hoje estou nisso. Já fiz 18 missas".

**Jurandy Carvalho, 41 anos**

"Sou o fundador da Festa do Vaqueiro do distrito de Joao Durval Carneiro, que já existe há 22 anos, há dois sem ter por conta da pandemia. O objetivo foi preservar a cultura que é secular e passar de geração para geração, afinal trata-se de uma festa que nasceu pequena e tornou-se grande e que acontece sempre no último final de semana de maio e reúne cerca de 40 mil pessoas e é a única que fomenta a economia do distrito".

# Eu não sou daqui (boi de roça)

Eu não sou daqui
Eu quero que o sinhô me diga
Onde foi que eu estava onte
Onde foi que eu estava onte
Eu tava na minha roça
Aprantando minha mandioca
Por detrás da serra longe (velha ponte)
Por detrás da serra longe Oô ôô
Essa terra é minha
Essa terra é sua
Eu vim da terra da lua
Trouxe dois diamantes
Trouxe dois diamantes Oô ôô
Você me leva pra casa
Que eu sei que a coisa é dura
Você me leva pra casa
Ô trabalhar na agricultura
Ô trabalhar na agricultura
Preciso falar com você
Até de madrugada
Preciso falar com você
Meu amor não era eu nem nada
E eu vou prantar
E eu vou prantar
Lá d'Aruanda
Lá d'Aruanda, ô
Eu vou-me embora que é de noite
Meu amor fica sozinha
E pode chegar um marvado, meu amor
Judiar da pobrezinha
Judiar da pobrezinha
Amor
Dandiô lelê dia direrê
Ô a
Eu vou sambar
Eu vou sambar
Lá d'Aruanda
Lá d'Aruanda

**André dos Santos Oliveira (Galego) e Francisco Pereira da Silva (Véio)**

*Mario Borges de Almeida Neto (Neto do Berrante)*

| FESTAS DE VAQUEIROS | | | |
|---|---|---|---|
| **Localidades** | **Nome das Festas** | **Data** | **Povoado/Distrito** |
| Ipuaçú | Festa do Vaqueiro | Maio | Governador João Durval Carneiro |
| Caatinga | Missa do Vaqueiro | Maio | Tiquaruçu |
| Bandeira | Carnaval com Cavalgada | Fevereiro | Tiquaruçu |
| Alecrim Miúdo | Festa e Missa do Vaqueiro | Setembro | Mantinha |
| Distrito de Jaguara | Festa e Missa do Vaqueiro | Setembro | Jaguara |
| Povoado Socorro | Festa e Missa do Vaqueiro | Novembro | Tiquaruçu |

| MESTRES VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | Cláudio Pinheiro Neves (Cacau de Nadinho) Fazenda Formoso | 56 anos |
| | Domingos Alves da Cruz (Fazenda Umbuzeiro) | 83 anos |
| | Evangelista Rios da Silva ( João das cabras) | 79 anos |
| | Jorge Dias Santana (Boy) (Fazenda Mergulho) | 63 anos |
| | José Ribeiro dos Santos (Seu Zezé) | 63 anos |
| | Manoel Cordeiro da Silva (Nadinho) | 72 anos |
| | Mário Borges de Almeida Neto (Neto do Berrante) | 46 anos |
| | Memézio da Silva (Badé) | 68 anos |
| | Prisco Alves da Cruz (Fazenda Alegre) | 68 anos |
| | Teófilo Pereira da Silva (Pintada ou Pitada) | 62 anos |
| | Vitor Florentino Nascimento (Vitor de Cazuza) (Fazenda Brava) | 70 anos |

| VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | 1 | Feminino |
| | 21 | Masculino |

| ASSOCIAÇÕES | | |
|---|---|---|
| **Nome** | **Tempo/Idade** | **Nº de membros** |
| Associação dos Vaqueiros Santana dos Olhos D´água | 5 anos | 20 |

| OBJETOS INVENTARIADOS | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Material | Fazenda/Povoado/Distrito/Localidade | | | | | |
| | Feira de Santana | Humildes | Tiquaruçu | Ipuaçu | Jaguara | Fazenda Garapa - Maria Quitéria |
| Objetos Inventariados | 1 | 13 | 17 | 9 | 21 | 13 |
| Vestimenta | 0 | 8 | 6 | 1 | 5 | 0 |
| Ferramenta de trabalho | 1 | 5 | 11 | 8 | 16 | 13 |
| Fotografias de objetos | 4 | 53 | 68 | 16 | 65 | 41 |
| Fotografia de fotografias | 0 | 4 | 0 | 0 | 27 | 10 |
| **Total** | **6** | **83** | **102** | **34** | **134** | **77** |

| Vaqueiros (as) entrevistados (as): | |
|---|---|
| 1. Anderson Santana Nascimento | 12. Manoel Cordeiro da Silva (Nadinho) |
| 2. Cláudio Pinheiro Neves (Cacau de Nadinho) | 13. Marcos Jesus de Lima (Nani) |
| 3. Domingos Alves da Cruz | 14. Mário Borges de Almeida Neto (Neto do Berrante) |
| 4. Evangelista Rios da Silva ( João das Cabras) | 15. Marisa Pereira da Silva |
| 5. João Vitório de Lima | 16. Memézio da Silva (Badé) |
| 6. Jonas Ribeiro da Cruz | 17. Ocivaldo Almeida dos Santos |
| 7. Jorge Dias Santana (Boy) | 18. Prisco Alves da Cruz |
| 8. José Ribeiro dos Santos (Seu Zezé) | 19. Teófilo Pereira da Silva |
| 9. Jucemario Vitório de Jesus ( Mario do Gás) | 20. Vagner da Conceição Santos |
| 10. Jurandir Carvalho | 21. Valmir Souza da Silva |
| 11. Lauro Neto dos Santos (Lau) | 22. Vitor Florentino Nascimento (Vitor de Cazuza) |

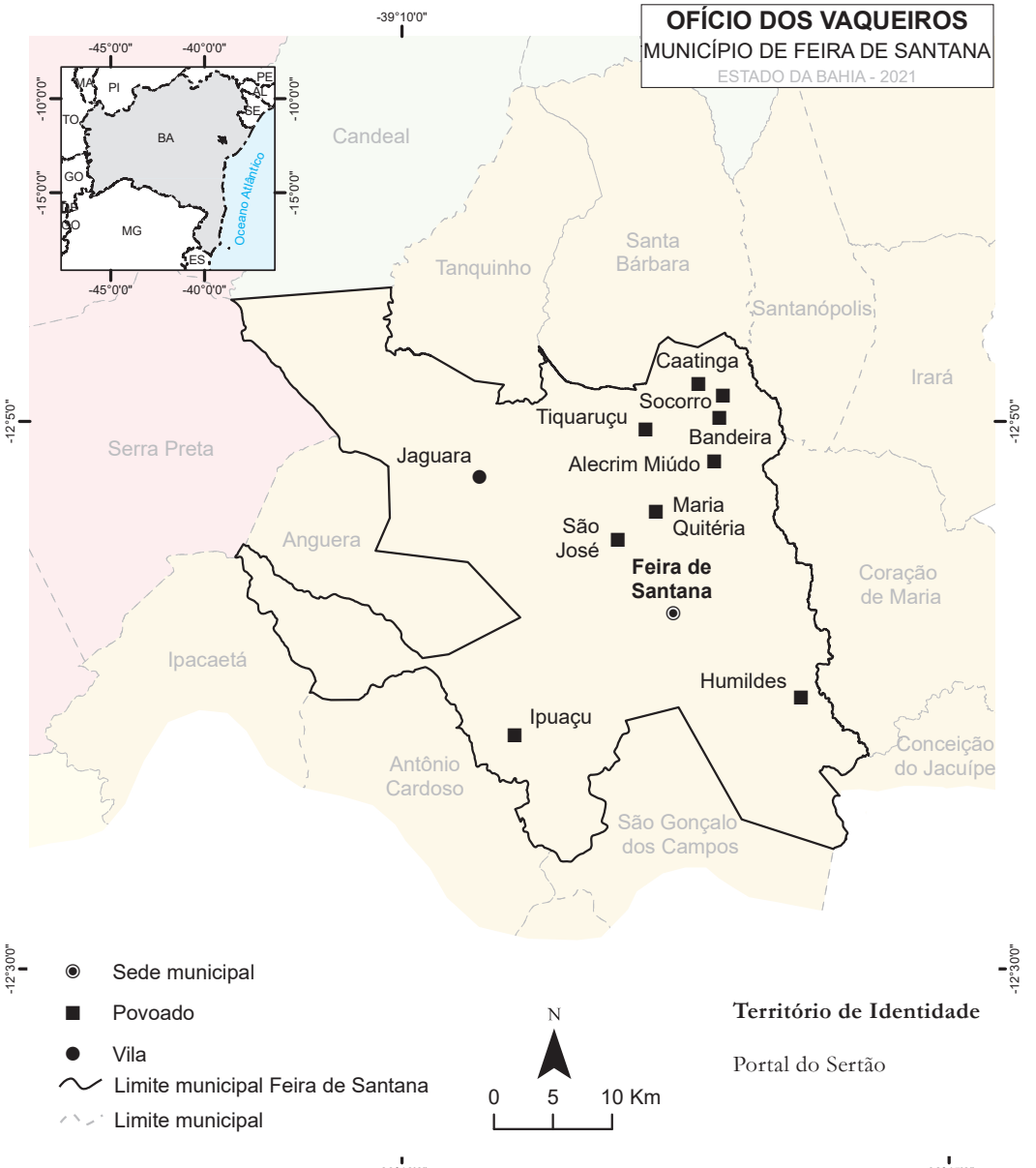
**Locais visitados: Sede, Distrito de Campalona, Distrito Humildes, Distrito de Ipuaçu, Distrito de Jaquara, Distrito Maria Quitéria, Povoado São José , Distrito Tiquaruçu e Povoado da Caatinga.**

*Cabeção*

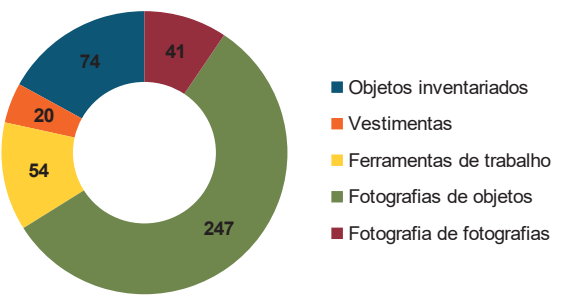
*Calção*

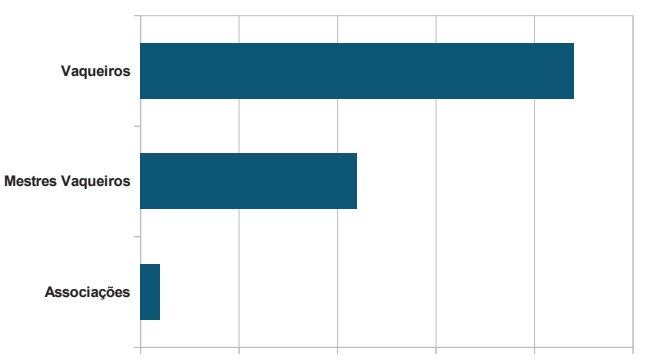
*Peitoral*

*Buçá*




| Localidades | Festas | Data |
|---|---|---|
| Ipuaçu | Festa do Vaqueiro | Durante o mês de maio |
| Caatinga | Missa do Vaqueiro | Durante o mês de maio |
| Bandeira | Carnaval com Cavalgada | Durante o mês de fevereiro |
| Alecrim Miúdo | Festa e Missa do Vaqueiro | Durante o mês de setembro |
| Jaguara | Festa e Missa do Vaqueiro | Durante o mês de setembro |
| Socorro | Festa e Missa do Vaqueiro | Durante o mês de novembro |



# Lagoa Real

FICA EM CASA
LAGOA REAL
A PREVENÇÃO É O MELHOR REMÉDIO
Secretaria Municipal de Saúde

# A Terra da Vaquejada

O  município de Lagoa Real, no Sudoeste baiano, distante 731 quilômetros de Salvador, se destaca pelas suas lutas e encantos, mas culturalmente está muito ligado ao universo do vaqueiro.  Conhecida como a terra da vaquejada, a população da cidade se orgulha deste título tanto que na frente do Centro de Treinamento de Professores existe um monumento de uma grande espora. Além disso, a decoração interna do prédio é feita com quadros onde se destacam fotografias de vaqueiros e das famosas vaquejadas.

Otávio Dejaniro, 76 anos, um dos mestres de Lagoa Real, conta que  ama a  profissão de vaqueiro e tudo que tem hoje deve a este ofício que começou aos oito anos, tomando conta do curral. Confessa que aprendeu  com Zé Bonfim, um amigo do seu pai, e aos 14 anos já saía para as matas e às vezes ficava até 15 dias no campo atrás do boi.

"Hoje tudo mudou. Os jovens tocam gado de moto. Só querem carro e água fresca". Com quase 50 anos de campo, Otávio se orgulha de nunca ter levado uma furada:  "Graças a Deus. Você tem que ter fé em Deus, Nossa Senhora Aparecida, Nosso Pai Eterno e ter muita coragem. Não é para qualquer um montar no cavalo e sair atrás do boi".

Manoel Pereira da Silva, 74 anos, outro famoso vaqueiro da região, conta que um bom cavalo e um cachorro ajudam bastante no trabalho no meio do mato. Ele começou menino, seguindo os passos do pai, que foi seu mestre, e acabou gostando. Hoje, Manoel se orgulha de ir passando seus conhecimentos, formando uma nova geração de vaqueiros. "Nunca falei um não pra ninguém que quis aprender o ofício. Dos meus filhos, só tem um que tira leite, os outros dei formação".

O Grupo de Vaqueiros Encourados de Lagoa Real existe há 31 anos, e, na luta pela defesa da cultura do vaqueiro, seu presidente José Elienio Teixeira Dantas (Seu Lagoa) tenta manter a tradição através da missa e Vaquejada que já está na 29ª edição.

As celebrações dos festejos sempre acontecem no primeiro fim de semana do mês de junho, são quatro dias de festa. A programação começa na quinta-feira, com shows de cantores e bandas famosas, até sábado à noite. Nesse dia pela manhã ocorre também o desfile dos vaqueiros pelas principais ruas da cidade e em seguida começam as vaquejadas. E por fim, no domingo de manhã, tem o desfile dos vaqueiros encourados e, logo após, a missa do vaqueiro. A festa é a principal celebração em homenagem aos vaqueiros.

# Depoimentos:

**Sebastião Silva Aguiar**
**(Vaqueiro Bezinho), 41 anos**

"Desde que me entendo por gente, vaqueiro. Já vem de raiz de meus pais, avôs, tios, vem de longas datas, meus dois filhos seguem o mesmo caminho. O que eu faço aqui nesse pequeno pedaço de terra, levanto às 4h30 da manhã com eles e tiramos o leite do bezerro, amarramos bezerro, toca, leva para manga, pica palma, é a labuta com a terra. O que vem da terra tem que voltar para a terra".

**José Ribeiro dos Santos**
**(Zé Ribeiro), 76 anos**

"Sou vaqueiro desde os 15 anos, aprendi com meu pai e os amigos, meu irmão também. Meu avô sempre foi vaqueiro, de quem meu pai herdou, mas já conheci ele velhinho. Tenho duas filhas e com a força do vaqueiro foi que segurei minha família. Ser vaqueiro não é para qualquer um, precisa da ajuda de Deus em primeiro lugar, de fé, de coragem, tanto que na missa a gente sempre fica muito emocionado".

**Manoel Pereira da Silva (Zé da Lagoa Funda), 74 anos**

"Nas festas tem um monte de encourado que malmente sabe montar num cavalo. A profissão está acabando, novo mesmo só conheço uns quatro bons. O vaqueiro que entende da arte de vaqueiro é aplaudido. E eu nasci vaqueiro e vou morrer vaqueiro, os que quiserem seguir na lida, sigam de cabeça erguida".

**Gervárzio Teixeira, 84 anos**

"Das proezas que fazíamos, chega um dia que a gente colhe, hoje estou aleijado com problema de coluna, mas com 12 anos tinha agonia de ser vaqueiro. Depois de muita luta, fui vaqueiro por 21 anos na fazendo do prefeito Pedro Cardoso. Nenhum filho meu virou vaqueiro, o campo acabou, gado é tudo dentro de pasto, antes boiadeiro puxava a boiada de 400, 500 gados, dormindo por terra. Hoje não tem mais isso".

**Dalgir Ramos Macedo, 79 anos**

"61 anos de casado, 12 filhos, ajudei todos eles. Herança do meu pai, meus filhos nenhum quis seguir, tem até um que está no seminário para virar padre. Na hora que a gente sai, só Deus sabe a hora que a gente volta. Já amanheci no mato, na boca de um corredor, e sempre digo que essa vida não é para qualquer um, é cansada, perigosa, mas quem tem amor consegue sobreviver".

**Otávio Dejaniro, 76 anos**

"A pandemia acabou com a tradição e entristeceu nossa cidade. Na missa, vaqueiro bruto chora. Tenho muito orgulho de jogar meu gibão nas costas".

**Leonardo Alves (Lió), 89 anos**

"Eu nasci nesse mundo para ser boiadeiro. O trabalho na caatinga muitas vezes nos leva a comer farinha com rapadura, dormindo no Gibão ao luar até capiturar um boi rebelde, com nosso cavalo e cachorro como companheiros. Mas digo, quem não gosta de um vaqueiro não gosta de mais ninguém. Eu tenho história de doer".

**Pedro Cardoso Castro (Pedrinho), 72 anos**

"Antes de sonhar em entrar na política, sempre sonhei em ser vaqueiro, e esse era um desejo de criança que herdei do meu pai. Mas depois que me entendi por gente, encarei com a cara e a coragem a caatinga, uma das labutas mais difíceis, pois tem muitos espinhos. E a partir daí foi a prova de que eu queria seguir esse ofício, apesar de todo sofrimento".

# Despedida de Vaqueiro

Eu vou cantar pra os ouvintes, do vaqueiro, a despedida
Que o patrão botou pra fora e na hora da saída
Se despedindo do gado e dando adeus por toda a vida
O patrão arrependido de ter posto para fora
Seu vaqueiro bom de gado que tanto serviu outrora
Mandou logo um portador chamá-lo na mesma hora
O vaqueiro foi urgente para atender o chamado
Foi no horário da noite afim de não ver o gado
Pois, não pretendia ter recordações do passado
Ele dizia consigo, por ventura, meu patrão
Quer que eu volte à fazenda, com certeza é confusão
Ou ele reconheceu que me expulsou sem razão
E foi chegar na fazenda, próximo ao cantar do galo
E o patrão tava com desejo de abraçá-lo
Conheceu que era ele, pelo rinchar do cavalo
Quando o cavalo rinchou, as vacas se levantaram
E os bezerros estavam longe, logo se aproximaram
Quando ele entrou no alpendre
os bezerros acompanharam. Ê
Disse o vaqueiro ao patrão, vim atender o chamado
O patrão disse, caboclo, eu vou lhe entregar o gado
Desde que você saiu que é tudo desmantelado. Aê

Depois da sua saída, as vacas se revoltaram
Não foram mais ao curral, nem os bezerros mamaram
Já morreram 15 reses, fora as que desabaram
Disse o vaqueiro ao patrão, eu não posso mais voltar
Já estou bem colocado, mesmo, eu cansei de lutar
Aí baixou a cabeça e começou a pensar
Disse o patrão, eu lhe entrego todo o gado, quanto tem
Enquanto você quiser, aqui não entra ninguém
Só você pode dar jeito ao desmantelo que tem
Tome conta da fazenda, mude de opinião
Sei que você tem direito, pois eu conheço a razão
Queira esquecer o passado do seu ingrato patrão
Nessa altura algumas reses já tinham se aproximado
E o vaqueiro no terreiro, pelos bezerros cercado
Berrando ao redor dele, como quem dava um recado
O vaqueiro disse ao patrão, eu não me domino mais
Por tanto, vou tomar conta de todos os seus animais
Aí saiu aboiando e o gado berrando atrás
Ele aboiava na frente e o gado se reunia
Boi de toda qualidade, de todo lado saía
Berrando e escramuçando como quem se divertia
Ele aboiava e dizia, meu gado, mais uma vez
Eu voltei pra tomar conta e fazer tudo por vocês

Deus, querendo, de hoje em diante
não morre mais uma rês
Vinha surgindo outra rês, era um garrote aleijado
Que no tempo de bezerro tinha sido caruado
Por não poder vir na frente, chegou no coice do gado
Cheirava os pés do vaqueiro, saía, depois voltava
Se atravessava na frente do cavalo e se esfregava
Como quem fosse um amigo
que com outro se encontrava. Aê
Já o vaqueiro enxugava todas as lágrimas que vertia
E o patrão observando, ficou com tanta alegria
Que convidou os amigos e festejou esse dia. Aê
Vaqueiro que é vaqueiro zela seu gado e quer bem
Todo dia vai ao campo contar as reses que tem
Quem não gosta de vaqueiro
não gosta mais de ninguém
Ô, Ô, Ô, Saudade
Abraça o gado
Ô, boi
Ê, gado
Ô, boi, Ô, Ô, Ô

**Vavá Macedo e Marcolino**

| FESTAS DE VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Localidades** | **Nome das Festas** | **Data** |
| Lagoa Real | Festa e Missa dos Vaqueiros e Vaquejada | Primeiro domingo de junho |

| MESTRES VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | Adão Monteiro da Silva | 72 anos |
| | Dalgir Ramos Machado | 79 anos |
| | José Ribeiro dos Santos (Zé Monteiro) | 76 anos |
| | Leonardo Alves Pereira (Lió) | 89 anos |
| | Manoel Alves Rocha | 60 anos |
| | Manoel Pereira da Silva (Zé da Lagoa Funda) | 74 anos |
| | Otávio Dejaniro da Silva | 76 anos |
| | Raimundo Pereira de Aguiar (Rai Pereira) | 69 anos |

| VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | 4 | Feminino |
| | 11 | Masculino |

| ASSOCIAÇÕES | | |
|---|---|---|
| **Nome** | **Tempo/Idade** | **Nº de membros** |
| Grupo dos Vaqueiros Encourados de Lagoa Real | 31 anos | 150 |

| OBJETOS INVENTARIADOS | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| Material | Fazenda/Povoado/Distrito/Localidade | | | | | | | |
| | Parque dos Vaqueiros Lagoa Real | Fazenda Lagoa Funda - Bebedouro | Riacho do Mafra | Tamboril | Fazenda Floresta - Lagoa Real | Ubiraçaba | Fazenda Canabrava - Lagoa Real | Bairro do Parque dos Vaqueiros |
| Objetos Inventariados | 20 | 24 | 9 | 12 | 17 | 7 | 13 | 6 |
| Vestimenta | 0 | 4 | 4 | 0 | 3 | 4 | 0 | 5 |
| Ferramenta de trabalho | 20 | 20 | 5 | 12 | 14 | 3 | 13 | 1 |
| Fotografias de objetos | 61 | 44 | 19 | 37 | 59 | 31 | 28 | 19 |
| Fotografia de fotografias | 0 | 0 | 0 | 21 | 0 | 0 | 0 | 24 |
| **Total** | **101** | **92** | **37** | **82** | **93** | **45** | **54** | **55** |

| Vaqueiros (as) entrevistados (as): | |
|---|---|
| 1. Adão Monteiro da Silva | |
| 2. Cristina Aparecida Neves dos Santos | 9. Manoel Pereira da Silva (Zé da Lagoa Funda) |
| 3. Dalgir Ramos Machado | 10. Maria da Conceição de Jesus (Tuca) |
| 4. Isolina Neves dos Santos (Nega) | 11. Maria Sousa Lima Santos |
| 5. José Elienio Texeira Dantas (Lagoa) | 12. Otávio Dejaniro da Silva |
| 6. José Ribeiro dos Santos (Zé Monteiro) | 13. Pedro Cardoso Castro (Prefeito) |
| 7. Leonardo Alves Pereira (Lió) | 14. Raimundo Pereira de Aguiar (Rai Pereira) |
| 8. Manoel Alves Rocha | 15. Sebastião Silva Aguiar (Bezim) |

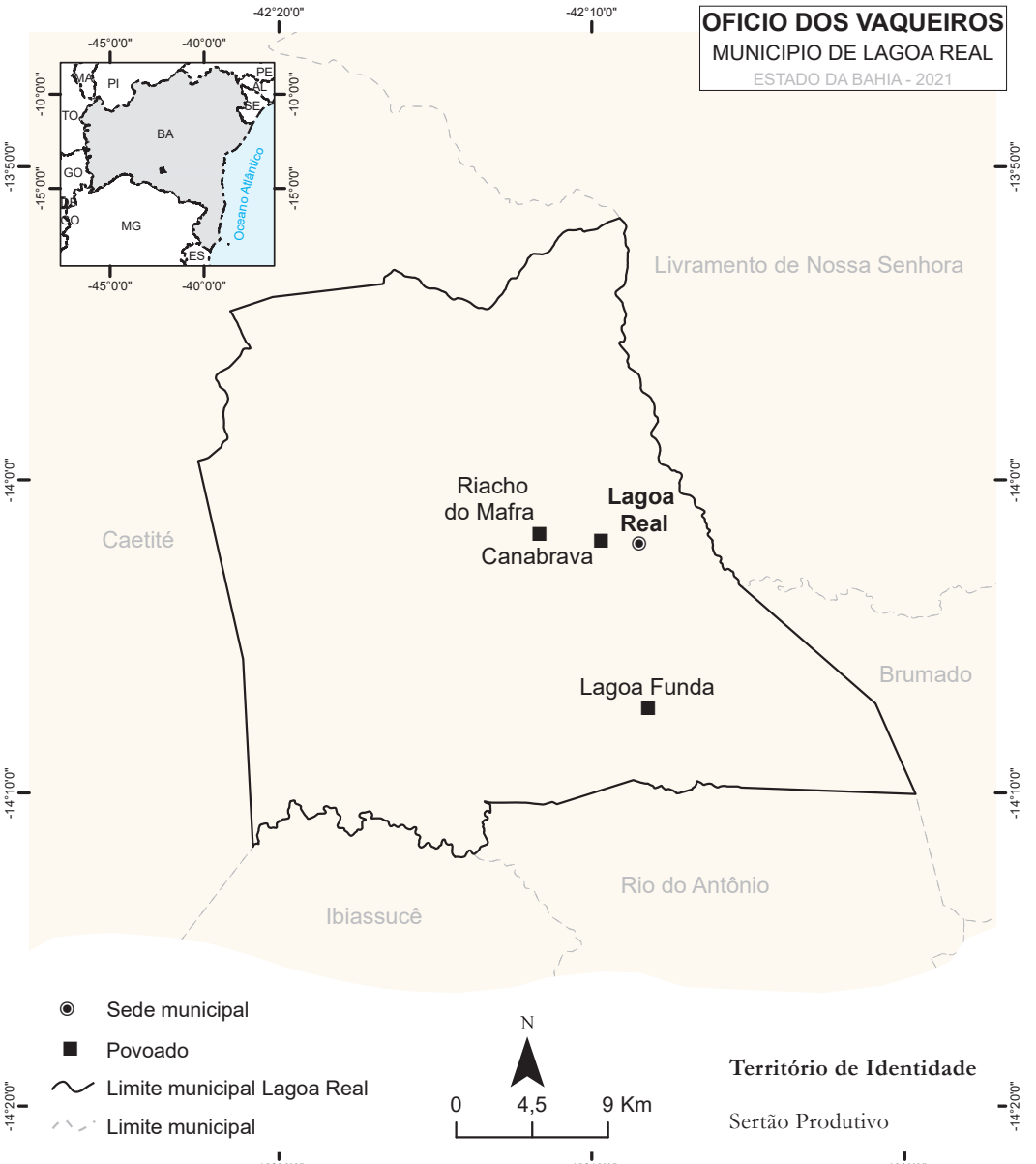
**Locais visitados: Sede, Comunidade Agrestinho, Povoado Canabrava, Diatrito de Lagoa Funda, Comunidade do Riacho do Mafra, Povoado Tamanduá, Povoado Tamboril e Distrito de Ubiraçaba.**

*Canga de boi*

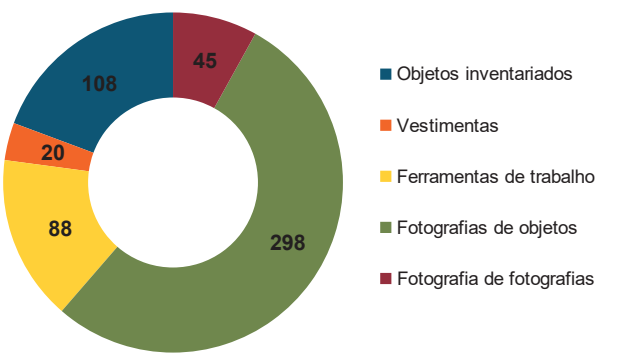
*Chapéu de couro*

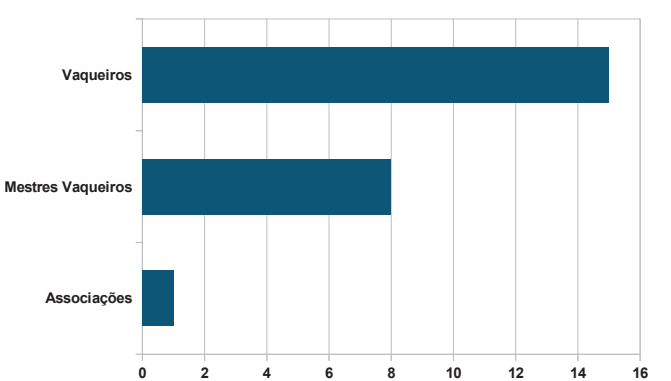
*Ferro de marcar boi*

*Podão*




| Localidade | Festa | Data |
|---|---|---|
| Lagoa Real | Festa e Missa dos Vaqueiros e Vaquejada | Primeiro domingo de junho |



# Pé de Serra

# Luta para manter a tradição

Com seus amplos campos de caatinga, o município de Pé de Serra, na região sisaleira da Bahia, a 220 quilômetros de Salvador, mantém viva a tradição dos vaqueiros. O ofício é extremamente ligado aos perigos das suas matas espinhosas, que levam homens a passarem semanas dentro do mato, tocando os bois, comendo rapadura, requeijão e tomando água com a cuia de cabaça.

Tanto em sua sede quanto nos principais povoados como Riacho do Dantas, Lagoa do Curral, Lagoa do Bento, Lagoa Escondida e Lagoa Verde, a população luta para preservar a cultura desta histórica profissão onde homens e mulheres enfrentam riscos entre animais, dormindo ao relento para transportar o gado.

Apesar de toda dificuldade, o trabalho orgulha todos os vaqueiros. Aos 62 anos, Valdir Ribeiro Macedo conta que começou na profissão aos 20 anos, mas como ficou órfão aos três anos, desde os 14 já trabalhava em uma fazenda no Distrito de Gameleira. Pai de sete filhos, nove netos e dois bisnetos, seu Valdir diz que aprendeu tudo com Deus: "Se precisar faço até um parto. Tiro o bezerro da vaca". Ele confessa que nunca teve estudo, mas tem a satisfação de dizer que pôde proporcionar a chance dos herdeiros frequentarem a escola. "O que não tive, procurei oferecer a meus filhos: o estudo. Só um dos meninos virou vaqueiro, mas mesmo assim também estudou". Uma coisa que o experiente Valdir se preocupa e faz questão de defender é a tradição, e por isso não se conforma com o fato de ter muito vaqueiro que vai atrás do boi de moto.

Marcelino Silvestre da Silva, 73 anos, diz que para ser um bom vaqueiro depende de Deus, de coragem e de um cavalo bom. Ele diz que aprendeu tudo com o próprio pai quando tinha 12 anos e lembra que só uma vez caiu do cavalo e quebrou o fêmur. Vilmar Santos da Luz, 54 anos, fala que na caça ao gado no meio do mato o cachorro é muito importante porque ele fareja e aponta o local onde o boi está. Joaquim Sena Carneiro diz, orgulhoso, que já passou 30 dias na estrada, sempre vestido a caráter, comendo toucinho de porco e farinha. "Ao lado de meu pai, posso dizer que corri o mundo atrás de boi. Esses meninos novos, que andam de moto, nunca viram metade das coisas que eu já vi".

A principal festa dos vaqueiros de Pé de Serra é antiga e acontece desde que o município ainda era um povoado e pertencia a Riachão do Jacuípe. As historiadoras locais Anita Garibalde e Méria Ramos contam que a festividade já ocorria periodicamente, mas ainda não tinha padroeiro. Somente a partir do primeiro Congresso Eucarístico da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, realizado em 1955, organizado pelo padre Dário de Ciesco, que a festa ganhou como padroeiro o Cristo Rei.

A festa logo caiu no gosto da população e no ano seguinte aconteceu pela primeira vez no dia 6 de janeiro em Louvor a Cristo Rei. A partir de 1965 passou a ser realizada de quatro em quatro anos, em 1974 houve apenas a procissão e em 1979 toda programação foi retomada de dois em dois anos.

Hoje, Pé de Serra possui uma associação de vaqueiros intitulada Associação dos Fazendeiros e Vaqueiros Pé de Serra, fundada em 7 de julho de 2001, que completou 20 anos em 2021. Ela cuida da organização da festa e da missa, que atraem a atenção de inúmeros vaqueiros de outras cidades, além de pessoas interessadas na cultura e em participar dos festejos da tradição que movimenta a cidade e região.

Mas lá, da mesma forma que a maioria das cidades, as dificuldades associam-se às não facilidades de água potável, lugar macio e protegido das intempéries do tempo para descansar, dormir, da companhia de suas mulheres para o afago à noite, do contato com seus filhos pequenos, ou mesmo da comida quente bem feita e apimentada para saciar sua fome, e tantas outras condições que formam a "pessoa" do vaqueiro e estabelece aqueles que são realmente os professores da perigosa caatinga, alheios às políticas públicas educacionais e à própria profissão.

Tudo isso os faz buscar como recompensa a fé em Deus e nas (os) padroeiras (os). Além de todo amor por um acervo nunca visto antes, que faz compreender que a paixão por ser vaqueiro não se resume ao pasto, a tirar leite de vaca. Nesse rol temos como exemplos: o arreio para apreender animais; chifre de boi, que se trata de um objeto de pequeno porte com detalhes de perfuração na superfície que servem para pegar água nos pequenos riachos; bem como os punhais que servem no cotidiano dos vaqueiros, na lida com os animais e a caatinga do local.

# Depoimentos:

**José Valter Cordeiro de Freitas, 60 anos**

"Tenho dois filhos e dois netos. A labuta já venho acostumado desde criança e não tem como estranhar, pedindo a sorte a Deus, paciência e saúde, e a gente vai levando o barco. Vaqueiro hoje não existe mais, no bom sentido, por não existir mais caatinga, porque não existe o de coragem que voltava lavado de sangue, que tocava a boiada, e se o boi saísse, ele tinha que buscar para dar conta ao patrão; hoje, um caminhão que leva".

**Manoelio de Almeida Gomes (Nélio de Maneca), 41 anos**

"O avanço tecnológico no mundo também chegou ao cotidiano do vaqueiro, que começa a labuta antes do sol nascer e termina depois que o sol se põe. Ele adotou métodos e manejos racionais para seu rebanho, assim tem facilitado o desempenho de sua vida. Porém o vaqueiro moderno, mesmo sem estar encourado, mantém a postura que domina o seu rebanho sem perder as suas raízes".

**Vilmar Santos da Luz, 54 anos**
"Você entra na caatinga atrás de um boi, o cachorro fareja e te dá um aviso, e logo você acha o boi; e tem que estar com o facão e o canivete. Há 20, 30 anos era que você via o vaqueiro entrar na caatinga todo fardado de couro, e está ficando só a lembrança. Nossa luta é passar de geração para geração, não deixar as raízes se acabarem".

**Sandoval Ramos Rios, 46 anos**

"Sou filho de Pé de Serra, tenho uma família grande, mas só eu sou vaqueiro, herança do meu avô. A tradição, infelizmente, está acabando porque a pega de gado na caatinga está acabando por falta de apoio. Eu faço uma vez por ano com meus amigos. Hoje o que tem é muito vaqueiro de aparência; quando tem um desfile é carro, é moto, tudo envolvido com perigo. O desfile para mim não existe mais".

**Raimundo Santos da Luz, 51 anos**

"A gente levanta cedo para poder cuidar dos bichos. Estou nessa vida desde os 10 anos e desde lá eu sabia que para ser um bom vaqueiro tinha que ter coragem, disposição, o couro bom, um cachorro bom, porque naquele tempo tinha trabalho para sair de manhã e chegar de noite".

**Valdir Ribeiro de Macedo, 62 anos**

"Meu pai morreu, eu tinha três anos, e fiquei sem minha mãe com 14. Aí vim pra trabalhar com o pessoal da Gameleira (distrito) e depois seu Silveira morreu, a velha (sic) morreu, o filho morreu e eu fiquei lutando sozinho e acabei casando. O que eu não tive tentei dar aos meus filhos: estudo, mas sei fazer de um tudo, mas tem muito vaqueiro que prende o boi de moto".

**Antonio Nere Fagundes, 90 anos**

"Já ajudei a prender muito boi, mas por conta de um problema de coluna o médico me perguntou se eu não quisesse parar na cadeira de roda parasse de montar. Aí vendi um cavalo que tinha, o arreio... Tinha um filho que estudou para advogado, mas era tabelião, que Deus levou nas águas, ele morreu afogado. Só dois andam montados, um até é repentista".

**Joaquim S. Carneiro (Seu Quincas), 85 anos**

"Quem nunca viu precisa de ver, esses meninos novos nunca viram metade das coisas que eu já vi. Já comi muito toucinho de porco com farinha seca até descarregar os burros. Já passei 30 dias na estrada. Meu pai correu o mundo atrás de boi e eu ia atrás dele. As cabras, por exemplo, dão muito trabalho, vão tudo encarretadas, mas os cachorros ganham pra elas, já mataram umas 10".

**Aloisio Oliveira Carneiro, 58 anos**
"Aprendi o ofício do vaqueiro com 8 anos, com meu pai, Seu Quincas. Acompanhava ele, via ele trabalhar, pegava boi no mato, carreava e tirava leite. O mais difícil da profissão é ir para o mato, pois o mato é fechado, você não sabe aonde passa, é uma aventura na vida; entrou no mato, não sabe o que tem".

*Ana Paula Cordeiro Soares e Melisa Cordeiro de Oliveira (Neta)*

# Carro de Boi

Eu vejo um velho vaqueiro, sentado no "varandado", espiando a vida passar, seu jaleco pendurado, o chapéu já empoeirado, e um cavalo no pasto completa o retrato da saudade que nunca passou...

O carro de boi, no umbuzeiro, nunca mais se levantou, cansou da labuta de anos e chora comigo a ausência de seu condutor...

Deixou um grande legado, fez histórias de festa de gado, que o sertão nunca esqueceu, vez outra se escuta dizer; no tempo de "Bié de Izaque" era que dava prazer, vaqueiro só vinha encourado, concurso de marcha e argolinha, e o povo vinha a cavalo...

Ficou na lagoa escondida, a lembrança mais bonita, que hoje registro na escrita, para honrar a memória daquele que em mim VIVEU.

**Venância Sônia Carneiro**

| FESTAS DE VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Localidades** | **Nome das Festas** | **Data** |
| Pé de Serra | Festa e Missa do Vaqueiro | Primeiro sábado e domingo do mês de janeiro |
| Pé de Serra | Pega de boi na Caatinga | Setembro |
| Pé de Serra | Cavalgada dos Vaqueiros de longa distância | Uma vez por ano |
| Aroeira | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Caldeirão de Negro II | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Cascalheira | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Comunidade do Bento | Festa dos Vaqueiros | Último domingo do mês de maio |
| Lagoa do Curral | Festa do Vaqueiro | Segundo fim de semana do mês de julho |
| Lagoa do Pé do Morro | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Santo Agostinho | Festa dos Vaqueiros | Último fim de semana de janeiro |

| MESTRES VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | Joaquim Sena Carneiro (Seu Quincas) | 85 anos |

| VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | 2 | Feminino |
| | 8 | Masculino |

| ASSOCIAÇÕES | | |
|---|---|---|
| **Nome** | **Tempo/Idade** | **Nº de membros** |
| Associação dos Fazendeiros e Vaqueiros de Pé de Serra | 21 anos | 36 |

| OBJETOS INVENTARIADOS | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| Material | Fazenda/Povoado/Distrito/Localidade | | | | |
| | Fazenda Lagoa Escondida - Novo Ouricuri | Fazenda Riacho do Dantas - Aroeira | Fazenda Lagoa do Curral - Lagoa do Curral | Fazenda Serra Verde - Lagoa do Curral | Fazenda Lagoa do Bento - Bento |
| Objetos Inventariados | 27 | 21 | 20 | 14 | 3 |
| Vestimenta | 5 | 6 | 0 | 1 | 3 |
| Ferramenta de trabalho | 22 | 15 | 20 | 13 | 0 |
| Fotografias de objetos | 373 | 108 | 72 | 32 | 4 |
| Fotografia de fotografias | 0 | 20 | 0 | 0 | 0 |
| **Total** | **427** | **170** | **112** | **60** | **10** |

| Vaqueiros (as) entrevistados (as): | |
|---|---|
| 1. Aloísio Oliveira Carneiro | 7. Marcelino Silvestre da Silva |
| 2. Analia Carneiro Rios | 8. Raimundo Santos Da Luz |
| 3. Antônio Carneiro Rios | 9. Sandoval Ramos Rios |
| 4. João Rodrigues da Silva | 10. Vilmar Santos da Luz |
| 5. Joaquim Sena Carneiro (Seu Quincas) | 11. Zulmira Sena Carneiro |
| | 12. Valdir Ribeiro de Macedo |

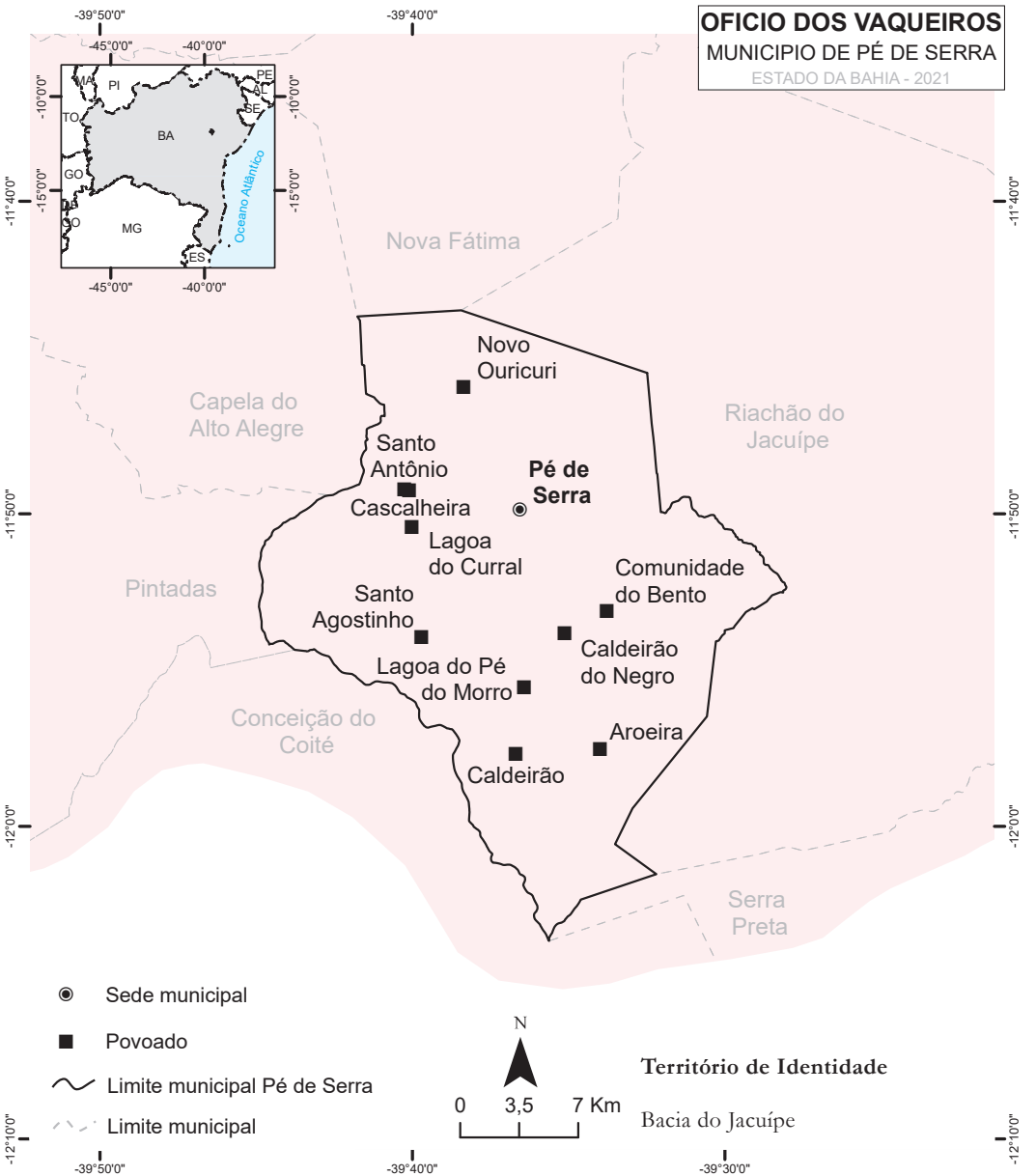
**Lugares visitados: Sede, Povoado Santo Agostinho, Povoado de Aroeira, Povoado de Caldeirão do Negro, Povoado de Santo Antônio, Povoado de Lagoa do Curral, Povoado Novo Ouricuri, Povoado Cascalheira e Comunidade do Bento.**

*Sapato*

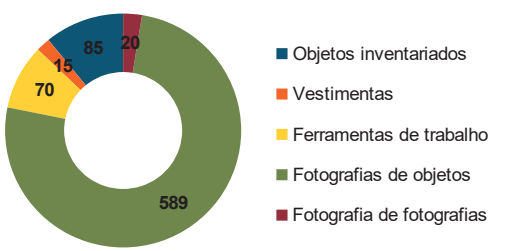
*Sela*

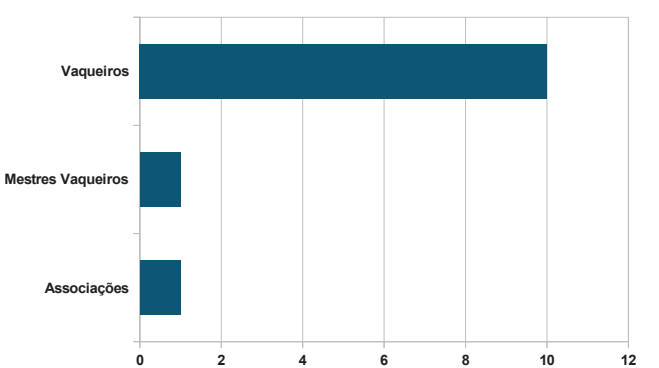
*Corda de couro*

*Mala*




| Localidades | Festa | Data |
|---|---|---|
| Pé de Serra | Festa e Missa do Vaqueiro | Primeiro sábado e domingo do mês de janeiro |
| | Pega de boi na Caatinga | Setembro |
| | Cavalgada dos Vaqueiros de longa distância | Uma vez por ano |
| Aroeira | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Caldeirão | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Cascalheira | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Comunidade do Bento | Festa dos Vaqueiros | Último domingo do mês de maio |
| Lagoa do Pé do Morro | Festa dos Vaqueiros | Sem data definida |
| Santo Agostinho | Festa dos Vaqueiros | Último fim de semana de janeiro |



# Pedrão

# Cidade dos Vaqueiros Encourados

Na cidade de Pedrão, a 129 km da capital, mesorregião do Centro-Norte baiano e microrregião de Feira de Santana, encontram-se diferentes criações de gados e cavalos. Dos municípios pesquisados, Pedrão economicamente apresenta baixo desenvolvimento, entretanto, é historicamente rico, dadas as narrativas sobre os vaqueiros e encourados que envolvem a chamada Guerrilha Imperial dos Voluntários de Pedrão ou Companhia da Cavalaria de Couraças.

Os Encourados de Pedrão, conforme os relatos e dados do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia-IGHB, em 1823 participaram com 40 homens voluntários na batalha da Independência, participação que estabeleceu elos entre os vaqueiros dessa localidade, anteriormente Irará, e a capital Salvador. E desde 1826 os encourados participam da festa cívica que homenageia essa batalha, sendo sua participação de extrema importância no Dois de Julho em Salvador, único município que realizou o sonho de participar do festejo na história nacional.

De família tradicional à cultura, Gabriel dos Santos Silva, 25 anos, surpreende ao seguir o ofício, embora tenha moto e carro. Conforme ele mesmo conta, a história está enfraquecendo por causa das facilidades do novo século (XXI).

"Só tenho um irmão que não quis seguir o mesmo caminho que eu, que minha família. Hoje todo mundo só quer modernidade, as coisas mais fáceis, e vai esquecendo o que é bom e deixando para trás. Sou da geração mais nova, mas o sangue corre na veia. Não temos medo de entrar no campo atrás de um boi, quanto mais difícil for, mais adrenalina, sair arranhado. Esse para mim é o bom. Acho que o momento mais emocionante do vaqueiro é dar um aperto bom no boi por amor", explicitou.

Entretanto, apesar de toda coragem demonstrada, Gabriel deixou bem claro também ser de uma nova época que não quer ter chefe. "Isso tudo sem patrão, entrar no mato do jeito que está, que só desiste depois que pega (o boi). Quem é vaqueiro assume o risco, e é para quem nasce para ser. Se não tiver gosto de ser mesmo, no primeiro dia já pede para ir embora", afirmou.

A paisagem em Pedrão volta-se à mata atlântica, é o que comprova a pesquisa, consolidando-se na sede (centro e Fazenda Sape) e nos povoados Canabrava, Cambumbe e Teodoro Sampaio. Ambiente ainda bastante rural e que possui elevada população negra que vive da pecuária e demais comércios ligados ao agronegócio. Cidade com relevos de extrema beleza, seus campos limpos para o gado com pastagem abundante também chama atenção pela devastação significativa da vegetação nativa próximo às lagoas e rios.

# Depoimentos:

**Adelmário Martins Cavalcanti, 65 anos**
"Com 10 anos eu já fazia parte do mundo pra tudo, já nasci vacinado para o que der e vier e ainda trabalho, mas não sou empregado de ninguém, sou empregado de Deus. Sei fazer tudo que se faz um vaqueiro. Na minha família não tem antepassado no ofício, mas eu pequeno gostei e decidi que essa seria minha profissão de vida".

**Antonio Alves Damasceno, 58 anos**

"Meu pai era vaqueiro, morreu vaquejando. Eu tirava leite com a bunda (sic) dentro da lama de tão pequeno que era. A única coisa que me amedronta nessa caatinga é abelha porque mata. Já quebrei quatro costelas montando a cavalo, mas nada me parou. O vaqueiro é um homem de muita fé. Para ser um bom vaqueiro tem que ter coragem".

**Antonio Carlos Santana dos Santos, 49 anos**

"As coisas hoje estão mais difíceis, os vaqueiros mais velhos não sabem ler, dirigir, e isso de levar os bichos encarretados tirou o pão de muitos porque antes a gente ia buscar o gado a cavalo. Mas, te digo, se me derem um carro importado, uma moto, eu vendo e compro tudo de cavalo. Nós precisamos ser mais valorizados".

**Erasmo Carvalho do Rosário, 91 anos**

"Já me entendi por gente sendo vaqueiro, papai criava muito gado. Eram 21 irmãos. Os netos, sobrinhos, tudo (sic) trabalha de vaqueiro. Aprendi com meus irmãos mais velhos desde menino o ofício, meu pai tinha a fazenda, mas essa herança não veio dele. É muito fácil se a pessoa gostar, tiver muita coragem, pois toma muito tombo".

**Miguel Angelo Almeida Teles, 57 anos**

"Os conceitos de nordeste e sertão mudaram por conta das novas tecnologias, as cercas, as novas pastagens, a internet, dentre outros fatores que modificaram esses juízos de valores. Mas para mim, o vaqueiro continua sendo o que usa como vestimenta o chapéu de couro, o gibão, o guarda-peito, a perneira e vai para o mato, correr com seu cavalo em iguais condições com o boi".

**Marivaldo Cerqueira dos Santos, 52 anos**

"Desde que vim pra cá, nunca fiz outra coisa, menino pequeno, apanhando porque ia escondido do meu pai, chegava ralado e tomava surra por cima do ralado. Tenho um casal de filhos e o menino é vaqueiro, nem estudar quis".

**Aderson dos Santos Maia, 41 anos**

"Com minha profissão consolidada em técnico agrícola, em 2008 eu fui convidado para participar dos Encourados de Pedrão e mal sabia montar num cavalo e o risco que corria. A partir daí, aprendi a ser um vaqueiro de verdade e associo os dois ofícios porque por mais que a gente queira correr das nossas origens sempre tem uma conexão com o campo".

**Antonio Carvalho do Rosário (Lico), 58 anos**

"Desde os 17 anos estou na labuta. Naquele tempo a gente era novo, o trabalho era leve, a gente gostava do que fazia. As vezes até o boi não corria e a gente colocava para correr pra poder brincar, mas quando era boi brabo era duro. Hoje o gado é tão manso que tange do curral de moto ou a pé".

# Encourados de Pedrão

Com saudades que falo da monta-
ria noturna
Dos campear no sertão
Da pega de boi no mato
De festa junto com o grupo
Esse grupo todo exato
Dançar forró e xote e baião
É desse povo que eu falo
Da minha cidade então
Sou de um grupo aprovado
Força de homem testado
Encourado de Pedrão
Pedrão, ô meu Pedrão
Pedaço desse Brasil
Esse pedacinho de chão
Pra mim vale um mil
Assim é que eu falo em Pedrão
Com sentimento, repio
Falando da minha terra
No meio deste Brasil
Ao meio deste Brasil
Senti uma solução
Vivendo distante de tudo
Neste pedaço de chão

Eu vou dizer pra vocês
Pedrão, ô meu Pedrão
Nasci e me criei
Fazendo verso de gado
Correndo nas capineiras
Sempre eu andei montado
A minha farda de couro
O meu chapéu de couro ensebado
Minha luva bem tratada
E meu cavalo arreado
Para andar na madeira
Em qualquer pega de gado
Aonde tiver boi bruto
Eu sempre tava encostado
Fui vaqueiro destemido
Desse Pedrão adorado
Contando a história do Grupo
Desde o tempo de menino
Tem poeta e tem artista
E nele eu vivo sorrindo
E falando pra este livro
Para cumprir meu destino
Sou Ademário Aboiador

Desde o tempo de menino
Em Pedrão a minha história
É contada, é verdadeira
Todo grupo dos Encourados
Fala a semana inteira
Este grupo é atestado
Ô grupo de gente farrozeira
Enquanto eu tava correndo
Vi um cachorro latindo
Segui o destino dele
E vi um gado sorrindo
Aquele gado surgindo
No meio é vinha um mamote
Botei cavalo no bruto
Para não tomar capote
E derrubei aquele touro
Sem ele me dá um trote
Escute a minha pessoa
É uma história verdadeira
Eu fui pegar um mamote
Por dentro da catingueira
Levei seis dias correndo
Quebrando pau e madeira

Este vaqueiro peguei
Num dia de sexta-feira
Deixei o touro amarrado
Pra sábado fazer minha feira
Deste grupo Encourados
Onde tem vaqueiros brutos
Que dá em cara de touro
Por dentro de qualquer bruto
Por dentro de qualquer bruto
Ou lá no mato fechado
Tem um vaqueiro de fama
Por nome de Ademário
Vou continuar falando
Com minhas palavras, eu falo
Falando da minha terra
Em meu peito eu sinto abalo
Com grande sastisfação
Eu vou falar de Pedrão
Do Grupo dos Encourados

**Ademário Cavalcante**

| FESTAS DE VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Localidades** | **Nome das Festas** | **Data** |
| De Pedrão para Salvador na Festa do 02 de Julho | Desfile dos Encourados de Pedrão | 2 de julho |
| Pedrão | Festa e missa do Vaqueiro | Setembro |

| MESTRES VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | Ademário Martins Cavalvante | 65 anos |
| | Antônio Alves Damasceno (Zuada) | 57 anos |
| | Antônio Carvalho do Rosario | 58 anos |
| | Erasmo Carvalho do Rosario (Seu Dai) | 91 anos |
| | Marivaldo Cerqueira dos Santos | 52 anos |
| | Pedro Martins da Silva (Pedrão) | 65 anos |

| VAQUEIROS | | |
|---|---|---|
| **Entrevistados** | 9 | Masculino |

| ASSOCIAÇÕES | | |
|---|---|---|
| **Nome** | **Tempo/Idade** | **Nº de membros** |
| Associação dos Encourados de Pedrão | 5 anos | 20 |

| OBJETOS INVENTARIADOS | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| Material | Fazenda/Povoado/Distrito/Localidade | | | | | |
| | Canabrava | Fazenda Sapé - Canabrava | Pedrão - Anderson Maia | Fazenda Formiga - Cambumbi | Baixa Fria - Teodoro Sampaio | Fazenda América - Iaçu |
| Objetos Inventariados | 14 | 11 | 25 | 5 | 13 | 7 |
| Vestimenta | 1 | 9 | 6 | 1 | 7 | 0 |
| Ferramenta de trabalho | 13 | 2 | 19 | 4 | 6 | 7 |
| Fotografias de objetos | 22 | 33 | 78 | 11 | 32 | 19 |
| Fotografia de fotografias | 14 | 0 | 24 | 0 | 0 | 0 |
| **Total** | **64** | **55** | **152** | **21** | **58** | **33** |

| Vaqueiros (as) entrevistados (as): | |
|---|---|
| 1. Ademário Martins Cavalvante | |
| 2. Anderson dos Santos Maia | 6. Erasmo Carvalho do Rosario (Seu Dai) |
| 3. Antônio Alves Damasceno (Zuada) | 7 . Gabriel dos Santos Silva |
| 4. Antônio Carlos Santana dos Santos | 8. Marivaldo Cerqueira dos Santos |
| 5. Antônio Carvalho do Rosario | 9. Pedro Martins da Silva (Pedrão) |

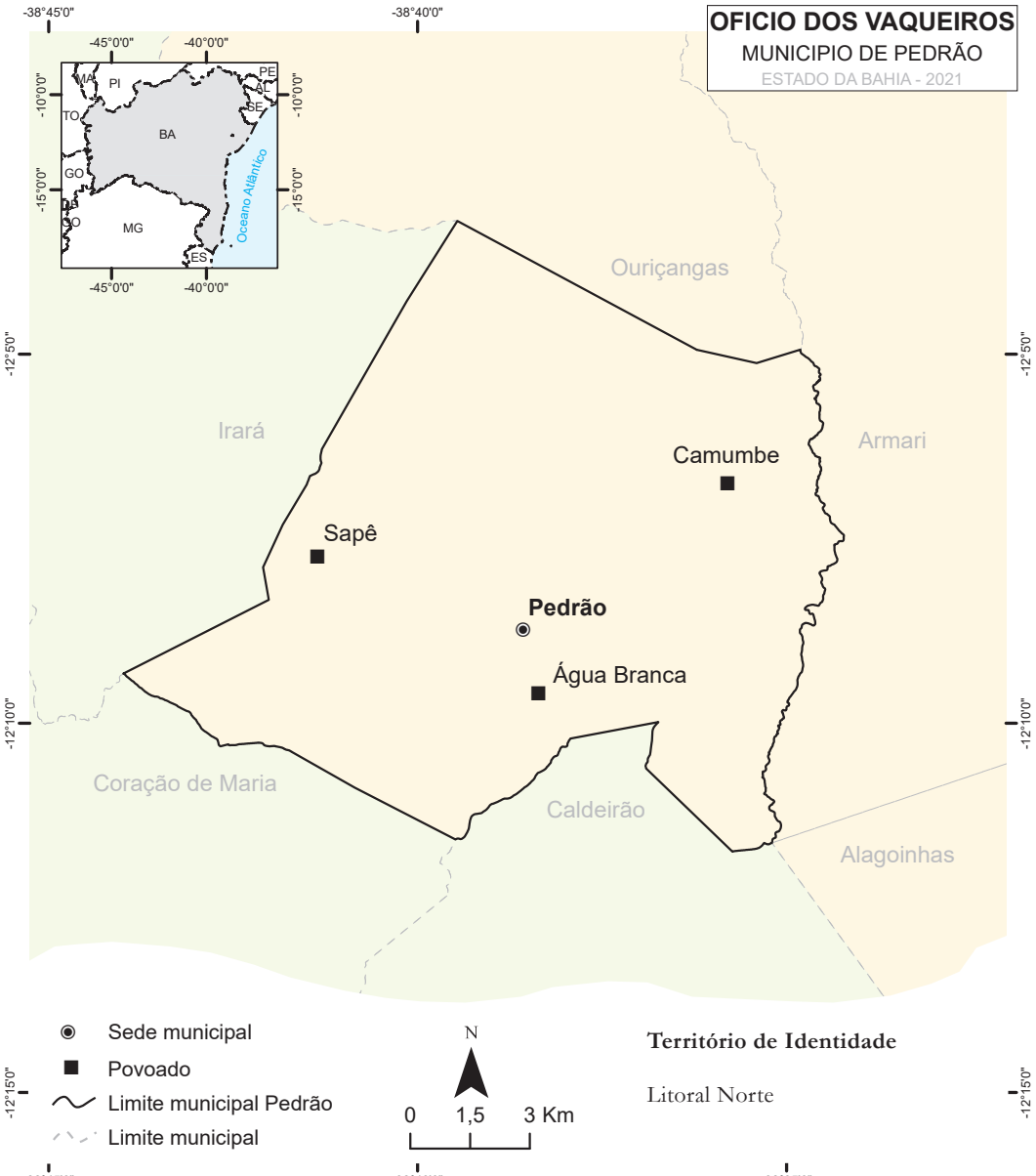
**Lugares visitados: Sede, Comunidade de Iaçu, Comunidade de Cambumbe, Comunidade de Canabrava, Comunidade Água Branca, Comunidade Sapé, Comunidade Cori e Comunidade América.**

*Barrote*

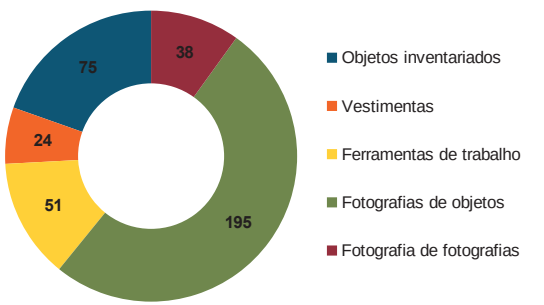
*Perneira*

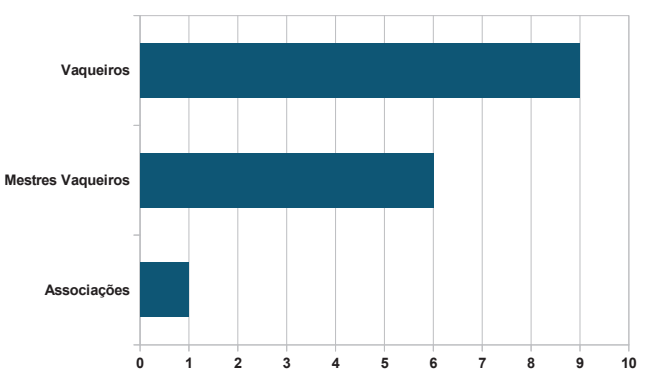
*Espora*

*Copo de chifre*




| Localidade | Festa | Data |
|---|---|---|
| De Pedrão para Salvador na Festa do 02 de Julho | Desfile dos Encourados de Pedrão | 2 de julho |



# Legislação

**I. Reconhecimento da atividade profissional de Vaqueiro** - Lei de nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, sancionada pela Presidente Dilma Rousseff.

**II. Registro do Ofício do Vaqueiro no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer como bem cultural de natureza imaterial do Estado da Bahia** - Decreto nº 13.150, 09 de agosto de 2011, assinado pelo Governador Jaques Wagner.

**Presidência da República**

**Casa Civil**

**Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**LEI Nº 12.870, DE 15 DE OUTUBRO DE 2013.**

Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.

A **PRESIDENTA DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.

Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.

Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:

I - realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;

II - alimentar os animais sob seus cuidados;

III - realizar ordenha;

IV - cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;

V - auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;

VI - treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;

VII - efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

Art. 4º A contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Parágrafo único. (VETADO).

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de outubro de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF

*Guido Mantega*

*Antônio Andrade*

*Manoel Dias*

*Gilberto Carvalho*

## DECRETO Nº 13.150 DE 09 DE AGOSTO DE 2011

**Promove o registro do bem de valor cultural que indica e dá outras providências.**

**O GOVERNADOR DO ESTADO DA BAHIA,** no uso de suas atribuições, à vista do disposto na Lei nº 8.895, de 16 de dezembro de 2003, regulamentada pelo Decreto nº 10.039, de 03 de julho de 2006, e considerando os elementos constantes do Processo nº 0607100011990, especialmente as propostas formuladas e devidamente aprovadas pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC e pelo Conselho Estadual de Cultura,

**D E C R E T A**

**Art. 1º** - Fica registrado no Livro de Registro Especial dos Saberes e Modos de Fazer o Ofício de Vaqueiro, como bem cultural de natureza imaterial do Estado da Bahia.

**Art. 2º** - Fica o Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia - IPAC, autarquia vinculada à Secretaria de Cultura, autorizado a adotar as providências previstas em Lei, visando à execução deste Decreto.

**Art. 3º** - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, em 09 de agosto de 2011.

***JAQUES WAGNER***
***Governador***

Eva Maria Cella Dal Chiavon
Secretário da Casa Civil

Antônio Albino Canelas Rubim
Secretário de Cultura

# Eterna Gratidão!

Gratidão a cada um de vocês que de alguma forma contribuiu com a realização do livro O Vaqueiro e suas Raízes, que dividiu conosco um pouco de suas valiosas histórias de vidas, com o coração aberto, sem cobrar nada em troca. Ao contrário, tudo foi feito com muito amor expresso no olhar e isso ficará eternamente guardado em nossos corações, como uma vivência única que não conseguiremos expressar em palavras. Somente quem já viveu essa sensação sabe o quão gratificante é. Portanto, mais uma vez o nosso muito obrigado a todos! E que venha a segunda edição.

SELARIA

87

ENTURADOS DE PEDRÃO
2009
88

Apoio financeiro:

IPAC
INSTITUTO DO PATRIMÔNIO ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA
MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL
GOVERNO FEDERAL